



REVISTA SEMANAL DE Critica, Politica,
 Artes LETRAS e COSTUMES.
 DIRECTOR—MARCELLINO MESQUITA
 PUBLICA-SE A'S SEGUNDAS-FEIRAS

Editor Antonio da Fonseca e Sousa Redacção e Administração T. DA BOA-HORA, 39 Composição e Impressão Lythog. Universal LARGO DO CARMO, 17

ASSIGNATURAS (PAGAMENTO ADEANTADO)

Estrangeiro Anno (52 num.)	1\$500 réis	Lisboa, provincias e Africa Portuguesa Anno (52 numeros)	1\$000 réis
Brazil Anno (52 num.)	2\$500 réis	Semestre 26 (numeros)	\$500 réis
Cobrança pelo correio	\$100 réis		

Toda a correspondencia dirigida á Redacção e Administração deve ser enviada para a Travessa da Boa-Hora, 39



JOSÉ MALHÔA

JOSÉ MALHOA

Curiosa carreira de artista a d'este pintor laborioso e tenaz, sem desanimos de genio incompreendido, nem queixumes de insetisfeita vaidade, que ha vinte annos labuta sem descanso, sempre avançando e progredindo sempre, apenas confiado na sua vontade inquebrantavel. Apparece, tentando o vôo, nas primeiras exposições do Grupo do Leão, com pequeninas manchas que já revelavam o seu temperamento de portuguez do sul, amando a côr desabrida, os violentos contrastes de luz crua e sombras rijas; e palmo a palmo vae conquistando sem favores de reclamo, sem compadres litterarias, o terreno que hoje domina ao lado de Columbano, de Ramalho e de Salgado.

Ensaia o quadro historico com louvavel aproveitamento; distingue-se nos de genero; como retratista demonstra aptidões raras; mas é sobretudo na paizagem que a sua notavel technica, prodigiosa de habilidade e de impeto, que a sua ardente sensibilidade de meridional lhe asseguram de direito a posse do logar subido, que Silva Porto deixou vago.

É sem duvida o mais nacional de todos pintores portuguezes, aquelle que menos se deixou influir pelas imitações do estrangeiro, e que melhor interpreta o sentimento da nossa boa terra cantante e luminosa.

Caso extranho e digno de memoria! — conseguiu ser dos primeiros na sua arte, triumphou, venceu... e continúa desesperadamente a trabalhar.



(CASOS E COISAS)

Acaba de visitar-nos o principe de Sião, Maba Vajiravudh, filho de Chulalongkorn, amavelmente, como já fizera seu pae, ha poucos annos.

É para notar, que no grande numero de monarchas e principes sobretudo, que correm continuamente a Europa nenhum se lembra de nos vir vêr, em suas horas de viagem, sendo certo que a fama do nosso clima e costumes não são de todo desconhecidos por esse mundo de Christo, e, já hoje, bastante satisfactoriamente.

O que tem má fama, é a politica e os politicos; mas os viajantes e os homens ricos que correm a Terra para matar o spleen, não andam, decerto, a deliciar-se, pelos outros paizes, convivendo com os homens das chancelarias, ou passando as noites pelos centros politicos, a ouvir falar de eleições e de propostas de leis.

* *

Ha, na verdade, o quer que seja de sympathia e de ternura, por nós, na pictoresca côrte de Sião. Ficou alli, percebe-se, uma velha tradiçãõ dos nossos, n'esse fabuloso Oriente, cheio de mysterios, de pedrarias e de perfumes.

Fomos nós os primeiros barbaros que pisámos o solo, hoje de Chulalongkorn, no tempo em que o Mikado, fôra compellido pela revolta a ceder o poder aos

schio-gun, mais tarde substituidos pelos de taicoun, do nome d'um celebre membro d'esta familia, Taico-Samé.

Annos antes entrara S. Francisco Xavier no Japão, na cidade de Chirosima, ilha de Nipon, com um nobre do Japão, que elle convertera, ainda rapaz, e se chamava, na ordem, Paulo da Santa Fé. Lá se fez ouvir a palavra do apostolo, cheia de doçura, e a religião christã teve mais um dominio.

Mais tarde, quando expulso por Taico-Sama, os christãos tiveram a sua galeria de martyres, muitos portuguezes, sobretudo missionarios, foram trucidados.

A igreja, a muitos d'esses, pela mão de Pio IX, abriulhes o céu — a duzentos e cinco — beatificando-os, em 1862.

* *

Todos estes factos a historia do Oriente registará e d'ahi virá tambem que a fama do nosso nome viva ainda n'esse paiz. Isto explica por que não se esquecem de visitar-nos, e agradados e attenciosos, os membros da familia de Chulalongkorn e elle proprio, ao virem á Europa.

É ainda pelo que fômos, que não pelo presente, que uma ou outra vez sentimos no coração o prazer de nos vêrmos considerados pelos estranhos.

É com a maior sinceridade que agradecemos a visita de Maba Vajiravudh e que lhe desejamos o mais feliz dos reinados no meio das suas quatrocentas futuras mulheres. Isto que na Europa constituiria um cataclismo, vê-se que é no seu paiz um problema facil de resolver. D'ahi a seriedade do nosso voto.

* *

Terminando, peço licença para sollicitar do principe um pequeno favôr.

Com o maior prazer pagaremos os poucos dias da sua hospedagem. Mas, meu principe... nós estamos... como o outro que diz, um pouco... sim um pouco fa lhos.

Ora, acabo de lêr que Vossa Alteza (em siam), tem cento e quarenta e quatro irmãos. Cento e quarenta e quatro visitas... meu principe... comprehende...

Se o dissesse ao papá... Era o tal favôr.

Bôa viagem, Maba.



«Foi agraciada com o habito de S. Thiago a actriz Virginia.»

Esta simples noticia deu-nos grande prazer. Era uma d'adiva á actriz Virginia, e ella merece todas as d'adivas como sendo a primeira actriz dramatica portugueza, logar que ha longos annos occupa, sem protesto, e sem rival.

Ainda bem, agraciada!

Quiz a nossa amizade saborear todo o valôr da d'adiva e complicou-se o caso.

Agraciar alguem com um habito era coisa que julgava só poder ser privilegio da divindade, tão certo é que os habitos filhos de imperios organicos, só podem ser rejeitados ou conquistados, por força sobrenatural, D'antes era assim. Mas desde que este, dado á actriz Virginia, era proposto pelo sr. Pimentel e concedido

pelo sr. Hintze, não era decerto dos habitos d'essa classe que se tratava.

Alguem officioso me fez notar, que esquecia ser o habito de S. Thiago.

Ah! sim; mas então a minha duvida, o meu pasmo subiu de ponto.

O quê? aquelle largo chapeirão, aquelle manto enorme de longa cruz lateral? Ou, peor, aquella armadura reluzente, grevas, coxotes, joelheiras, esporas de palmo, capacete e plumas? O quê, foi isso, esse costume com que presentearam a gloriosa actriz?

No começo do verão? E' uma barbaridade.

Não será talvez nada d'isto. A minha perspicacia não alcança o que haja de agradecer em dar a uma senhora o habito d'um homem.

Parece-me, valha a verdade, uma inconveniencia, sempre que um caso excepcional o não justifique: uma viagem na Russia, por exemplo.

Seja como lôr, foi um presente; v. ex.^a não o rejeitou é por que lhe não causa desagrado; mas peço lhe uma coisa: metta-o no seu guarda roupa, ao lado de tantos com que tem percorrido a sua gloriosa carreira d'artista e continue a usar os de hoje, feitos nas modistas, sem cruzes e sem penachos. Fica melhor assim. Esse ficará para os museus. Ninguem, por muito amor que todos lhe tem, ousaria ficar serio, ao vê-la, em traga-moiros de viseira calada e espada á cinta.

V. ex.^a não é, não foi nunca como os empregados publicos, que tem todos os habitos — menos o de irem á repartição. Foi sempre uma artista exemplar, minha senhora. Pois fique-se com esse habito, até morrer, e deixe que usem dos que lhe não servem, os ôcos, os pedantes, os mascarados do mundo, os Hintze Ribeiro, por exemplo.

Esses quer se vistam de Sãos Thigos, quer se apparelhem de jumentos estão sempre bem.

Ora é velho o ditado que diz: o habito não faz o monge; por mais que v. ex.^a o use, nunca poderá ser o terrôr dos moiros... do seu theatro.

Morrem infieis.



Epigramma

Temos liberdade immensa:
Liberdade de reunir,
A liberdade de crença,
A liberdade de imprensa...
Falta ser livre o cuspir.

CONCURSO DE PAPAGAIOS

Na terra onde ha chacina de *garraios*
Co'o nobre fim de *divertir* o povo,
Concurso se exhibiu de papagaios
Abrilhantando as festas do rei novo:
Contra a idéa jamais eu direi raios,
Mas tambem, francamente, não a louvo...
Pois nós, mais os irmãos das castanholas,
Devemos estar fartos de parolas!

Mas oh! se nós tivéssemos a dita
De entrar no tal concurso celebrado,
O premio de mais preço, o mais catita
O juiz imparcial nos tinha dado:
Donos somos de atroz praga infinita
De papagaios, qual mais erap cada...
E affirmam da sciencia os homens doutos
Que são mais a temer que os gafanhotos!...

Temos cá papagaios superiores,
Papagaios cinzentos (são de Angola),
Verdes como a esperança, furta-côres
Quando mudam ás vezes de *gaiola*:
Papagaios que vêm lá dos Açores
E sabem dar o pé preso na argola...
E, para aqui falar em termos francos,
Papagaios até — azues e brancos!

Não faltam os que têm bico amarello
E reclamam poleiro com *degraus*,
Os que roem na casca do marmello
E os caroços lhe tiram menos maus:
Os que sabem palrar no estylo bello
Com enxêrto de passaros bisnaus...
E esses de dubia côr, que só atinam
Em dizer a lição que lhes ensinam!

Se tu viesses cá, nobre visinha,
Encontrarias finos papagaios,
Que até sabem rezar a ladainha
E o Padre Nosso cantam sem ensaios:
Tu dirias que n'esta *gaiolinha*
Ninguem pode encontrar geitos cambaios...
E talvez dirigisse os seus descantes
A' patria de Camões a de Cervantes!

Cesse o louvor ao papagaio hispano,
Seja verde, cinzento ou azulio,
Que eu canto no meu ninho luzitano
O alto palrar d'um papagaio Arroyo:
Hespanha! das touradas deixa o plano,
Porque o divertimento é de saloio,
E vem ouvir o insigne papagato,
Agua de Jove quando empunha o raio!

VENANCIO.

POLITICA PORTUGUEZA



P'ra gran... p'ra gran...

EXPOSIÇÃO DE BELLAS-ARTES



CANCIONEIRO ALEGRE

Em novo estudo social,
P'r'a futura humanidade,
Diz Tolstoi: que o fim ideal
D'esta vida é a castidade.

A castidade absoluta
Sem uma escorregadella...
Mas a tal humanidade,
D'onde sáe? d'onde vem ella?

Este jejum absoluto
Eleva o homem a anjo;
Como quem diz torna em libra
Um vil pataco, macanjo.

O homem que se emancipe
Da mulher! clama o doutor
Em gritos desabalados;
Perdão, meu caro senhor,
Vossencia está-me saindo
De costumes depravados.

Não quer mulher o mazombo,
Nem do amôr os enganos:
Não admira, no lombo,
Tem perto de oitenta annos!

Não quer riquezas tambem,
Nem a sombra d'um thesoiro:
Deu tudo quanto era d'elle;
Mas vive em palacio de ouro.

Aquelle mystico Russo,
Que passa a vida escrevendo
Entre a charrua e as botas,
F'argumento estupendo
De que a familia dos genios
E' tambem dos idiotas.

N. T.



Com grande magua dos Accacios e Donas Leopoldinas, acabam de fechar-se as portas d'esta exposição. *Bello! Assombroso! Divinal!!*

As phrases sonoras, arrotos bombasticos, siblando por entre as dentaduras do Guerreiro e do Dr. Oscar, deixaram finalmente de echoar nas cinco saletas côr de café com leite—a 80 reis o litro. A falta de um *rendez-vous* a tostão por cabeça, serviço limpinho ao alcance de todas as bolsas—não alcançadas, vae deixar um vacuo profundo na alma alfacinha, sempre ávida de espectaculos baratos e noticias de sensação, cheirando a sangue e a tinta de impressão, fabricadas em typo dez por um typo que abusa dos adjectivos e falta de grammatico.

Pobres conselheiros barrigudos e conselheiras não menos rotundas, sem allusão á da Avenida, amanuenses na espinha e meninas de olheiras roxas e de cinturinha de vespa!

Como a estação balnear ainda vem longe e com ella as noites luarinas e os *cotillons* do casino!

Que fazer? Para onde ir? ali estava-se em familia, raro era o domingo em que as *Soisas* da rua da Bitesga não vissem o Rodrigo da allandega, aquelle que na repartição não faz nada, mas que nada de costas na costa de Cascaes que é um gosto vê-lo.

Onde ir empregar a critica?

Que lastima ter de ir retomar a cadeirinha de vitem na Avenida, chamar nomes ao Carrilho que encarrilhou o *Convenio*, que passou com venia das duas camaras e esperar com impaciencia e dôr nos callos o agosto desejado.

Na sua metamorphose, na sua chrisma de Grupo do Leão para Gremio Artístico e ultimamente para Nacional de Bellas Artes, que tem lucrado a arte portugueza? Com taes transformações, todos os annos o mesmo menu, nada que annuncie um progresso, ou mesmo uma decadencia; sempre a mesma linha, a mesma falta de concepção artistica.

Os invariaveis retratos do sr. X. P., do conselheiro J. P. C., o casal de tal, uma marinha mais abaixo ou mais acima do Tejo, natureza de má morte, e disse.

De longe em longe é que algum artista, fugindo á regra, expõe uma tela mais real, mas nada que revele um estudo aturado ou grande alcance de pensamento.

A Nacional de Bellas Artes, que muitos julgaram traria para o nosso acanhado meio uma nova phase artistica, não foi além d'um cartaz illustrado, conservando as saudosas tradições do Gremio Artístico.

Somos forçados, comtudo, a confessar que vimos na exposição d'este anno, como nas antecedentes, estas bem modeladas, retratos, nymphas e santos bem desenhados, boas carnações, côres esplendidas, emfim, uma technica exuberante, mas a respeito de composição, de pensamento, de estudo profundo, nem o mais leve vistumbre.

Entra-se indifferente e sae-se frio, nada ali ha que nos empolgue, que nos encha a alma de admiração. Mo delos bem pintados, eis tudo.

Bem sabemos que muitos prélos gemeram louvainhas, e que muitos Accacios tambem gemem ao ler o que deixamos dito; mas como não fazemos parte do monte-pio União dos Elogios Mutuos, diremos sempre o que sentirmos e o que fôr verdade.

ANTÃO VERISSIMO.



Jardim de Epicuro

Tudo o que não vale pela novidade da fórma e por um certo gosto artistico, envelhece depressa. A moda, em arte, passa como todas as outras modas.

Acontece com as phrases affectadas e que pretendem ser novas, como com os vestidos que saem das grandes modistas: duram uma estação.

Em Roma na decadencia da arte, as estatuas das imperatrizes eram penteadas á ultima da moda. Estes penteados tornavam-se rapidamente ridiculos: era preciso mudal-os e, então, panham nas estatuas cabelleiras de marmore. Era preciso que um estylo, penteado como estas estatuas, fosse corrigido todos os annos.

Ora acontece que, no tempo em que vivemos, as escolas litterarias vivem poucos annos, quando não poucos mezes. Conheço rapazes cujo estylo vem de duas ou tres gerações, e parece archaico.

Nos tempos dos Goncourt e dos caminhos de ferro podia viver-se ainda muito tempo sobre a mesma litteratura artistica. Mas depois do telephone, litteratura que derive dos costumes renova as fórmas com uma rapidez desanimadora. Digamos com Ludovic Hallevy, a formula simples é a unica que atravessa os seculos, A unica difficuldade é definir o que seja a forma simples e essa é, verdadeiramente, grande.

A natureza, tal como nós a conhecemos nos meios apropriados á vida, nada nos apresenta de simples, e a arte não pode pretender ter a simplicidade do que a natureza. Por isso não nos entendemos bem quando dizemos que tal estylo é simples e que tal outro o não é.

Direi pois que se não ha estylos simples ha os que o parecem e esses são destinados a viver. Donde lhe vem esta feliz condição? Não vem de que sejam menos ricos do que os outros; mas de que formam um conjunto de partes melhor fundidas. Um bom estylo, emfim, é como este bom raio de luz que entra pela minha janella e cuja claridade é o resultado da união intima das sete côres que o compõem. O estylo simples é como a luz branca. Sendo complexo não o parece.

Eu quero explicar como, na linguagem, a simplicidade bella e desejada não é senão uma apparencia e como resulta simplesmente da boa ordem e da soberana economia das partes do discurso.

Uma coisa, só, torna attrahente o pensamento dos homens: a inquietação! Um espirito que não tem anciedade, irrita ou aborrece.

A. FRANCK.



O REI DE SIÃO

Deixando os seus siamezes,
Que adora do coração,
Para ver os portuguezes
Veiu o senhor de Sião.

Este rei, não dos pequenos,
Ama as bellas com afincão...
E seu pac não contou menos
De cento e quarenta e cinco!

Quando, á volta da tardinha,
Põe na mesa os seus talheres,
Sabe encher a barriguinha
A quatrocentas mulheres!

O' meu rei de tantos brihos
E de tanta mulherada...
Tu podias dar mais filhos
Que umas ovas de pescada!...

Mas ai! que grande desgraça,
Se ellas gostassem de modas...
E não te sobrar a massa
P'ra dar vestidos a todas!...

De certo, rei de Sião,
Tu és o rei mais feliz;
Umaz mézinhas—te dão,
Outras limpam-te o nariz!

Muitas encontram regalos,
Não só com teus beberetes...
Mas aparando-te os callos
Que nascem nos joanetes!

Tens uma vida excellente,
Goza! goza, meu taful!...
Mas manda dizer á gente
Se és filho do Barba-azul.

BONIFACIO.



N'uma entrevista com a delicada e minuscula Sada Yacco, disse a graciosa actriz, entre varias coisas, que o paiz que mais lhe parecera o seu, fôra o nosso.

Que vira a Europa e as suas bellas cidades, mas que para viver:

Se a pobre siameza ousasse ter desejo
De terra onde viver aqui prendera o seu;
Um bosque sobre a praia, um barco sobre o Tejo
Eleito da minha alma, um coração só meu!

Taes foram as suas vozes; vozes dolentes, de uma grande tristeza e de uma grande máguá. Mostrou-se-lhe um bello bosque á margem do Tejo; ainda o Tejo com um não menos bello barco de recreio, tudo lhe conveio; mas quando lhe mostraram os homens que possuíam um coração que podia ser só d'ella a pobre senhora fugiu. Foram o Hintze, o Mattoso e o Zé Dias... quando foram pelo Zé Luciano... ella metteu-se no expresso e foi... prá China á procura dos olhos do Zé d'Azevedo.



PRINCIPE DE SIAM



REVISTA SEMANAL DE Critica, Politica,
ARTES LETRAS e COSTUMES.
DIRECTOR-MARCELLINO MESQVITA
PUBLICA-SE A'S SEGUNDAS-FEIBAS

Editor Antonio da Fonseca e Sousa Redação e Administração T. DA BOA-HORA, 39 Composição e Impressão Lythog. Universal LARGO DO CARMO, 17

ASSIGNATURAS (PAGAMENTO ADEANTADO)

Estrangeiro Anno (52 num.)	1\$500 réis	Lisboa, provincias e Africa Portuguez.	Anno (52 numeros).....	1\$000 réis
Brazil Anno (52 num.).....	2\$500 réis		Semestre 25 (numeros).....	\$500 réis
Cobrança pelo correio.....	\$100 réis			

Toda a correspondencia dirigida á Redação e Administração deve ser enviada para a
Travessa da Boa-Hora, 39



BARÃO DE RIO BRANCO

Barão de Rio Branco

O barão de Rio Branco, é um illustre diplomata brasileiro, encarregado dos negocios em Berlim.

E' formado em direito na Universidade de S. Paulo e conta na sua carreira duas brilhantes victorias diplomaticas: a da boa resolução, com a Republica Argentina da questão com respeito ao territorio das Missões, em 1895, em que foi arbitro, o então presidente da Republica dos Estados Unidos, Mr. Cleveland, e ha dois annos a do Amapá com a França.

Seu pae é o visconde do Rio Branco, a quem se vae levantar uma estatua, o auctor da lei sobre o *ventre libre*.

O filho segue as brilhantes tradições da familia.



Depois da procissão do Corpo de Deus—para cujo nome não achei, até hoje, justificação logica, por ser corpo que nunca lá vi—houve o sanguinolento duello entre dois dramaturgos, para provar que os mesmos homens que fazem scenas fingidas, são capazes de as fazer de verdade, com os mais fortes argumentos, visto que são d'esta qualidade os que entram pela pelle.

D'esse duello ficaram assentes dois factos. Primeiro, que os homens do Conservatorio jogam melhor o sabre do que os soldados: segundo, que o celebre conselho dramatico de picaresca vida e futura memoria não menos pifia, sabe defender-se das reles subservencias em que vive, á ponta da espada.

Já não é pouco.

Pois procissão e duello fiquem-se, em paz, no cesto dos papeis velhos, das coisas borradas e ridiculas, tão difficil é saber aonde haja maior estupidez. Se n'um povo a adorar um monstro de barbaças de madeira preta, de lança, e rabo atarrachado, se de quatro homens a patrocinar a imbecilidade de um acaso de justiça fossil, e sancionarem com o seu criterio um pleito selvagem, tão repugnante como bestial.

Fiquem-se em paz e como consolo ao nosso espirito cançado repousemos um pouco, noticiando a festa d'essa gentil rapariga, que se chama Lucilia Simões, a mais bella apparição do theatro portuguez, de ha meio seculo para cá.

A mais bella e a unica. Todas as mais, representam apenas aptidões d'um primitivismo simiano, sem um vislumbre de talento. Aptidões maiores ou menores, feitas de esgares, de phrases douradas, de gestos, de *trucs*, de espertezas e até de imbecilidades e até de *toilettes*!

Costureiras em vistas de indiretarem a vida, matronas aproveitando o mostrador do palco para tonificarem o *haber* no livro caixa, ingenuas com escala pelos albuns dos segundos andares, a preço fixo, não tem nada de commum com essa franzina creatura, flexuosa, de bocca larga e fresca, de olhar quente, vibrante como um clarim, suggestiva, cheia de talento e de graça.

Esta é uma artista! Justifica-lhe a classificação o sen-

timento que lhe illumina o cerebro e a faculdade com que exteriorisa e cria.

Toda ella é arte: pensamento, desejo, esforço, trabalho, vida!

Radiosa e adoravel creatura a quem o destino poz aquelle sello cruel de que falla o poeta:

Al do que a sorte assignalou no berço...

Repousemos e ergamo-nos ás intimas consolações da vida; longe das miserias da Terra, n'um bom sonho de arte remuneradora. E, nós, todos os que vamos além da meia estrada, paremos n'ella, olhando-a como fazemos os camponezes, de enchada ao hombro, ao nascer do sol:

Avé stella.



O telegrapho communica-nos, emfim, que a paz é feita entre boers e inglezes.

Todos os jornaes, de todo o mundo, se mostram alegres com a noticia. Está feita a paz.

E eu tive ao lê-la uma dôr intima no coração.

Tanto esforço, tanto trabalho, tanto heroismo, tanta acção épica, termina, emfim, por uma sujeição, por uma cedencia, por uma humilhação.

Mas agora, seria o caso do mundo inteiro intervir e dizer á Inglaterra: a paz, sem condições, a paz estreme como se deve conceder aos heroes, aos martyres e aos gigantes.

D'este momento em que, tu, ó mais poderosa nação da terra, foste chicoteada, ferida, torturada e ridiculisada, até, na tua imprevidencia, na tua ignorancia, no teu orgulho por essa colmeia de bravos, has de conceder-lhes os louros que se concedem aos bravos, que o isolamento e o acaso collocou sob o teu dominio.

Não os venceste nunca, tu não poderás impôr condições.

Este era o momento; mas as nações d'hoje—faço exclusão da briosa Hespanha—são incapazes de arriscar meio bife das suas conveniencias, por uma acção generosa.

Nunca o nivel moral da humanidade foi tão baixo e tão reles.

Assim, toda a heroicidade boer morreu: todo esse sangue derramado, supplicios de mães, de filhos, de velhos, de creanças, foi inutil: toda essa grandeza moral, toda essa lucha altiva pela liberdade, pela independencia, pelo direito, foi para o canno de esgoto onde as potencias lançam os dejectos dos seus gabinetes, quero dizer, as miserias moraes dos seus ministros.

N'este tempo, n'este começo do secuio vinte, toda a sciencia, todo o trabalho dos bons apóstolos, toda a consciencia esclarecida nas leis do bem universal, todas as maximas do amor humano, toda a phylosophia protectora e bem fazeja, tudo o que se tem caminhado, conquistado á bestialidade, á tyrania, ao despotismo, tudo isso nada vale, tudo isso é apenas uma nuvem de comedia que passa no horizonte da vida, tudo isso é leria, patuscada, caturrice, reles chalaça.

Egregios politicos, ó homens do meu tempo, genios de estrumeiras, almas de estérco, regosijae-vos: nunca sobre as nações da terra, caiu mais ignominioso vexame: nunca a marca a fogo dos velhos bandidos assentou mais justa do que na testa d'essas agremiações, que dão pelo nome de reinos e de imperios e que vós geris.

Cuspis sobre tudo e admirae-vos do que a alma simples e instinctiva do povo vos escarre na cara e vos victimae quando pôde.



Santo Antoninho onde te porei?

Devoção e alegria! Eia, corramos
A' festa do santinho milagroso!
Com elle, apenas é que nós contamos
Nas ancias d'um viver angustioso!...
E' pouco, muito pouco o que rezamos
P'ra que venha acudir o céu piedoso!
Precisamos que venha S. Antonio
Enxotar do covil tanto demonio!

Santo Antonio Carrilho! vê se acodes
A' nação que só quer viver tranquilla!
Vê que damos na areia com os bodes
Se chamas teus milagres á mochila!...
Andamos de Pilatos para Herodes,
O cdo orçamental rosua e refila...
E um convenio, que surge á ultima hora,
Mais nos aperte a sella, e aguça a espôra!

Illustre e formidavel Costa Pinto
Os echos acordae com foguetorio,
E recordae tambem que sois distincto
Nas artes expansivas do vivorio!
Sois com toda a certeza, se não minto,
Um homem com a altura d'um zimborio,
Pois d'ahi espalhae os mijaretas,
Bichas de rebear, bombas, foguetes!

Queimae as alcachofras, mestre Paiva,
Em honra da devota patuscada,
Té o santo dizer: cessa Saraiva,
Já basta de tamanha alcachofrada!
Se vae o vosso enthusiasmo a raiva
De deixar Lysia inteira suffocada...
Por que tudo merece a fama boa
Do santo *quebra bilhas* de Lisboa!

Vós, Alpoim, que sois qual mariposa
Nos ares agitando aza ligeira,
Vinde assistir á festa espaventosa,
Dando pulos por cima da fogueira!...
Que não falem botões de fresca rosa
Nem palmitos da Praça da Figueira...
Que não falte o alecrim, o cravo rôxo,
Nem aquelles versinhos de pé côxo!

Vargas, Beirão, Fuschini e o Espergueira,
De bandeja não mão, peçam esmola
Ao Zé que a tira logo da algibeira
Pois dos pagodes todos vae á bola!...
— Ora até que encontramos a maneira
De nos eixos metter a carrinhola!...
Vivamos descansados e sem flactos,
E destapa o tonel, — Zé dos Pacatos!

VENANCIO.

A paz boer entristeceu-me. Eu queria que elles morressem.

Aquella legião de bravos devia ter por divisa, a divisa da velha guarda do Côrso: Morre, mas não se rende.

A Europa, o mundo, regosijaram-se com a nova de que acabou o morticinio, que pagou o correr do sangue, que mais é preciso para a consciencia?

Oh? os bons corações!

Canção do bom tempo antigo

Não! uma vida só não basta para amar-te,
Nem cabe em nossa idéa um sonho igual ao meu.
Eis porque na de a minh'alma ainda procurar-te
Quando a tua existir tambem n'uma outra parte,
Mais distante d'aqui, mais proxima do céu.

Lá, então, fruirei prazeres infinitos,
E hei de em teu seuto amor tranquillo repousar.
Não mais nos olhos meus verás prantos afflictos,
Nem o fel ungrará os teus labios bemsditos,
Lá, onde Deus e o Amor não precisam de altar.

Lá, então, serás minha, ó Alma, eternamente!
Lá onde o nosso ideal se não reduz a pó;
Onde não gela a morte o nosso olhar ardente;
Lá, aonde nos conduz, tal como antigamente,
Cheia de seraphins, a escada de Jacob.

Lá, onde é immortal e unica a formosura;
Onde o Mal não existe e não existe Fim;
Onde a Noite não é consocia da Amargura,
Nem abrimos logar para uma sepultura
Junto aos nossos ideaes castellos de marfim.

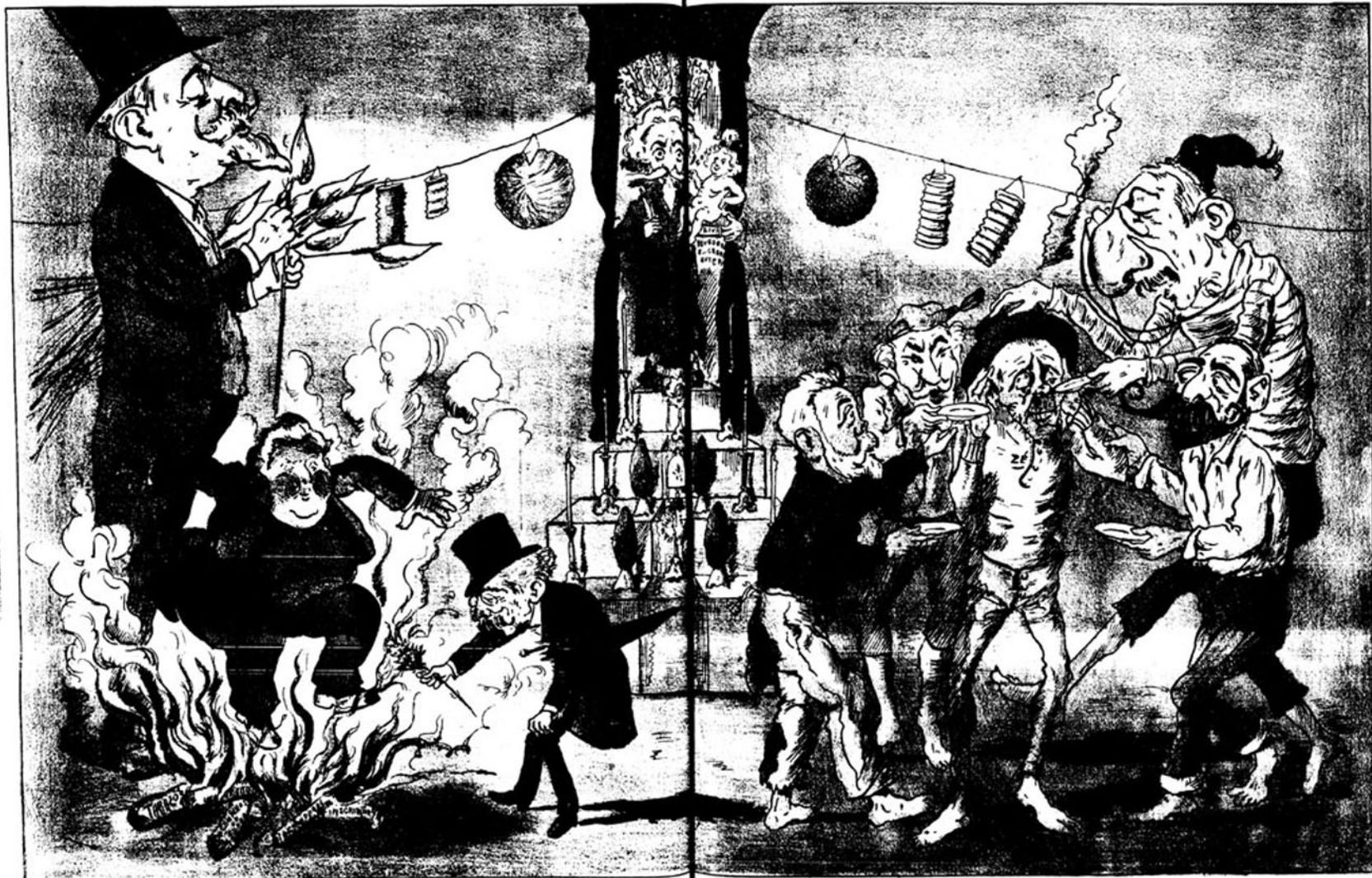
Lá, onde outra existencia em jubilo deslisa,
Sem tempo conhecer, nem conhecer a Dôr;
Lá, onde nunca o ciume as crenças martyrisa;
Onde nunca se ouviu o suspirar da brisa;
Onde nunca pairou a aza do condôr;

Onde a esp'rança não é miragem transitoria,
Nem pensa n'ella, já, quem tudo claro vê;
Onde se ha de apagar a nossa negra historia,
E onde, para seguir o caminho da gloria,
Nem sequer é precisa a lampada da fé.

Lá, onde o Bem não é prenuncio da saudade,
Nem a duvida ensombra a face que sorri;
Lá, onde as almas têm por sua a immensidade;
Onde a vida communga, emfim, na eternidade...
E onde ha de ser eterno o meu amor por ti.

NARCISO DE LACERDA.





A noite de Santo Antonio... Carrilho



CANCIONEIRO ALEGRE

I

Batteram-se hontem á espada,
Na estrada da Ameixoeira,
Dois escriptores de theatro,
De uma briosa maneira.

Por palco a estrada areosa,
E luz do céu a valer;
Nem Manini, nem Ramalho,
Tiveram lá que fazer.

Fatos á época, espadas
Com muito e cuidado fio...
O só varria as estradas
De uma pontinha de frio.

Dado o signal do combate,
O signal classico e velho,
Schwalbach, furibundo,
Racha a cabeça ao Botelho.

Disseram medicos: basta,
Ao verem sangue no fato:
E assim termina, de chofre,
O lindo primeiro acto.

II

Cose-se o coiro ao Abel;
Elle firme, elle sem queixas;
Caem as aves dos ninhos,
Caem do ramo as ameixas.

Generoso, activo Eduardo
Estende a mão ao rachado:
E houve uma scena de chôro,
A seguir, sem ser marcado.

Não se faz melhor, lá fóra,
Disse o João, sem ensaio:
Urbano approva e propõe
Almoço no papagaio.

Hintze, no ministerio,
Onde estava p'los cabellos,
Cria um novo commissario
Dos almoços e duellos.

Resultado: um novo nicho,
Uma cabeça quebrada,
Almoço de sardas fritas,
Pasto pr'ó noticiario,
E, as razões da lucta armada
Ficarem quaes eram, escriptas.

(Côro de camponezes, ao longe)

Duellos d'este torrão,
São como loiras madeixas...
Por cima péras e ameixas,
Por baixo café, limão,

N. T.



Em Bemfica, com a maior solemnidade, baptisaram-se quatro infantes dos quaes o maior tem 17 annos.

Em que perigo andava este bom moço de ir para o inferno se uma meningite cerebro espinal ou um callo aggravado atria com elle para as taboas d'um caixão.

E uma familia a viver 17 annos, com aquella responsabilidade ao lado, uma alma a oscillar entre o céu e o averno e poder dormir, sonhar e comer, e aposto, até, que a ir ao theatro vêr a Sada e Yacco ou a revista do Badalo.

Sempre ha gente.

Felizmente — até a gente se sente melhor ao pensar n'isto — esse receio acabou. O menino foi levado á pia... pela manhã; ao Campo Grande jantar á tarde, faltou que os jornaes nos dissessem onde a criança tinha passado a noite.

Sim em que cueiros.

Os senhores não acham que a especie humana rasa já pela imbecilidade senil?

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Por que é que o Zé esfolado:
Com o Convenio concorda?
— Por que vê que o enforcado.
Não pode fugir da corda.

Por que é que o Zé vae bebendo
Para afogar os seus males?
— Por saber que está vivendo "
No paiz do não te rales.

Por que será que o meu Zé
Vae ás hortas para danças?
— Por não ser como o Burnay
Que faz jogo de finanças.

Por que é que o Zé divertido,
Lança cantigas ao vento?
— E' por não ter conseguido
Ser papagaio em S. Bento.

Por que é que, em terra da alface,
O Zé a tudo se ageita?
— Por ver que quem torto nasce
Tarde ou nunca se endireita.

BERNARDO.

Jardim de Epicuro

E' bello um bello crime! exclamou um dia J. J. Heiss n'um grande jornal.

A phrase fez escandalo nos leitores ordinarios. Eu conheço, até, um digno magistrado, um bom velho, que reenviou o jornal, no dia seguinte, pelo portador.

Era um assignante de mais de trinta annos; mas não estava na idade de se mudarem os habitos, e não hesitou em fazer este sacrificio á moral profissional.

Foi o crime Fualdés que inspirou o artigo e uma tão generosa admiração.

Não quero escandalisar ninguem; mas confesso, que o mestre tinha razão: é bello um bello crime.

As causas celebres teem para nos uma atracção irresistivel. E' preciso confessar que o sangue derramado, entra, por metade, na poesia da humanidade.

Macbeth e Chopart são os reis da scena. O gosto pelas lendas terriveis é inacto no homem. Interrogaes as creanças: dir-vos-hão que a belleza da historia do Barbazul, está em elle ter morto as mulheres.

Em face d'um tenebroso crime de assassinato o espirito sente uma curiosidade de admiração.

Espanta-se porque o crime é, em si mesmo, estranho, mysterioso e monstruoso: interessa-se porque encontra, em todos os crimes, um velho lundo de fome e do amor, sobre o qual, bom ou mau, vivemos todos.

Traz até nós uma imagem espantosa da humanidade dos bosques e das cavernas; revive n'elle a imagem das raças primitivas.

Conserva, ainda, instinctos que se julgavam perdidos; manhas que a nossa sabedoria ignora. E' a consequencia de appetites que dormem em nós: é ainda a besta e é já o homem.

D'ahi a admiração indignada que nos inspira o crime: espectáculo dramatico e phylosophico.

E' tambem pictoresco: evoca grupos bizzaros, sombras mysteriosas pelos muros, no silencio, no somno; andrajões, expressões physionomicas cujo segredo irrita.

Rustico, rastejando pela Terra, ha tantos seculos, o crime associa-se ás negras magias da noite, ao silencio amigo da Lua, ás melancholias dos campos e dos rios, aos terrôres dispersos da noite!

Vadio, occulto na multidão, fere-nos os nervos pelo cheiro de lama e de alcool, de sabôr de podridão e notas inauditas da infamia. Na sociedade burgueza, onde é raro, veste-se como nós, falla como nós, e é talvez n'esta figura equivooca e vulgar que mais fortemente prende as imaginações. O crime de fato preto é o que o povo prefere a todos.

A. FRANCE.



Costumava ir p'ra Lisboa
Passar as férias do verão
Henrique Pires Gambôa,
Estudante maganão.

Perguntou-lhe um dia a prima,
A quem elle se atirava,
Quantos alumnos havia
No collegio em que elle estava.

Diz Henrique mui depressa,
N'uma voz que ao riso move:
— «Nós, os alumnos, ao todo,
Fazemos sessenta e nove».

ENA.



A semana finda foi por excellencia theatral. Teve como todas o seu crime, o seu suicidio, os seus casos proprios, de ha muito assignalados pela estatistica; mas o que a particularisa e impõe é a nota comica, no bom sentido da palavra. O palco e os seus bastidores deram-lhe character especial e distincto; nem a paz entre inglezes e boers, nem a volta do sr. Carrilho, nem os boatos de crise ministerial, forneceram pasto que chegasse para entreter a debilidade indigena.

Veiu do theatro a refeição succulenta e rapida, abundante e variada, que satisfz o paiadar e a gana.

A escandalosa denuncia da nova reforma do Normal, a representação das peças *Primeira nuvem* e *D. Relvão de Figueirôa*, a partida saudosa do empresario de D. Amelia, a festiva chegada do empresario do Coliseu e o anniversario da fundação do theatro portuguez: eis a lista dos acespipes regaladamente saboreados pelos gulosos de coisas scenicas.

Deve, pois, registrar-se para uso futuro da historia, isto é, para passar á posteridade, que os homens notaveis da semana foram os srs. Posser, Ferreira da Silva, Conde d'Arnos, commendador Antonio Santos, Julio Dantas, Visconde de S. Luiz de Braga, e... Gil Vicente! — este, coitado, *malgré lui*, como o Sganarello do seu confrade Molière.

COISAS DO TAL PROGRESSO

Tinhamos senhoras medicas,
Litteratas d'alta critica,
E, algumas, fazendo prédicas
Na emmaranhada politica.

Davam gloria ao patrio Tejo
Meninas d'alta valia,
Que sabiam dar um beijo
E vender uma sangria.

Mas hoje a mulher, erguida
Pelo progresso sensato,
Até vae pôr na Avenida
Escola de pugilato!.

Homens! estamos servidos!...
Se nos mettermos em valsas,
Pediremos os vestidos
Para lhes darmos as calças!

Lá que a mulher se emancipa
Vê o observador...
Pois já arvora a chulipa
Em tira-teimas d'amor!

E, muito cuidado tomem!
Se isto vae d'esta maneira,
Deixará de ser o homem
Quem vae chamar a parteira!

São ellas que irão á guerra
Colher os louros dos bravos...
E nós ficamos na terra
P'ra fazer os alinhavos!

BONIFACIO.



Ella — A bella mão de nabos.

Elle — Saloios ?

Ella — Se o não são... *fazem-se*. Olhe as cabeças...

Elle — Conheço... são óccas...



REVISTA SEMANAL DE Critica, Politica,
ARTES LETTRAS e COSTUMES.
DIRECTOR—MARCELLINO MESQVITA
PUBLICA-SE A'S SEGUNDAS-FEIRAS

Editor Antonio da Fonseca e Sousa Redacção e Administração T. DA BOA-HORA, 39 Composição e Impressão Lythog. Universal LARGO DO CARMO, 17

ASSIGNATURAS (PAGAMENTO ADEANTADO)

Estrangeiro Anno (52 num)	1\$500 réis	Lisboa, provincias e Africa Portugueza Anno (52 numeros).....	1\$000 réis
Brazil Anno (52 num.).....	2\$500 réis	Semestre 26 (numeros).....	\$500 réis
Cobrança pelo correio.....	\$100 réis		

Toda a correspondencia dirigida á Redacção e Administração deve ser enviada para a Travessa da Boa-Hora, 39



ANTONIO RAMALHO

ANTONIO RAMALHO

Um dia, aos 12 annos, abalou da terra, sósinho, caminho de Lisboa, á aventura.

Para quê? para ser pintor.

O fedelho como tinha a intuição do bello, tinha a coragem d'um predestinado.

E, veiu, e foi distincto na Academia, mandado para Paris. Alli, expoz o quadro—*O Lanterneiro*—que o collocou logo na fila dos pintores de nome. D'então até hoje, inda que pequeno—ai de nós—toda a sua obra só lhe tem confirmado os credits de artista de raras aptidões; impeccavel desenhador, colorista suave e quente e exímio retratista.

A sua ultima obra—*O panno do Theatro de D. Maria II*—é um superior trabalho, de imaginação, de execução e de côr. Original, com as figuras deliciosamente desenhadas, emergindo ou escuando-se n'uma atmosphera nevoenta de sonho, a encantadora tela basta para elevar um nome, tão grandes qualidades revella, no artista, de concepção e de desenho.

E' vê-la e concordar que só a poderia ter feito um artista e um mestre.



(CASOS E COISAS)

Santo Antonio é o mais sympathico dos nossos santos.

Mais poder do que elle, de mais virtude, mais peso na balança popular, que avalia meritos, influencias e garchias na corte celestial, algum outro será. Mas maior sympathia, não.

E' o santo das mulheres. Elle tem na mão o condão supremo de arranjar — um noivo!

Com esta faculdade, o filho venturoso de Lisboa pôde gabar-se de gosar todos os dias, como nenhum outro, o suave encanto d'uns olhos ternos que pedem, dôcemente, na humidez setinosa da pupila, a realização d'uns loucos sonhos, d'umas venturas longamente pensadas e que se distanciam sempre, na anciedade do coração feminino.

Alega a sua imagem. E' novo, favoreceu-o Deus com a bondade summa e uma ponta de malicia, que o torna ainda seductor e humano, que o arranca um pouco á gravidade mystica do falar e do porte, e que o nivella ao namorado folião, que espreita, a noite, as raparigas que vão, pelo luar, encher as bilhas, as fontes, e lh'as quebra, á força de travessura, em que o amor não deixa de entrar, bulhento e atrevido.

Sabe-lhe todos os milagres o povo.

Como elle salvou o pae da força; como concertou a perna cortada; como fazia que as parreiras dessem uvas fora de tempo; que um leve bilhete pesasse mais do que um mnte de ouro; como dava a vis'a a cegos com o habito, e muitos outros casos estupendos que em nada operou.

Mas não é por isso que elle o adora, que lhe accende

as fogueiras, que lhe orna os altares com as melhores flôres, que lhe faz festas, e dança, pela noite fóra, ao som das guitarras, e dos adufos, em redor das ermiditas caídas, solitarias, que o luar branqueia.

Não; é porque elle é o santo dos amores sem esperança, dos corações que padecem, das virgens que soluçam; o santo do amor humano, cheio de perfumes, de alegrias, de maguas e de encantos!

E' o que pôde unir as mãos debaixo d'uma estola, é o santo... do casamento!

Vem-nos a triste idéa de que, no futuro, o nosso bom patricio vae ter um concorrente.

Concorrente sério, o santo do — Divorcio!

Esse será então o querido dos homens, o amigo do sexo forte, o libertador, como Lincoln, ou o sr. D. Pedro IV, de saudosa memoria.

* *

Mas pouca sorte poderá ter o bemaventurado. Nem a musica dolente, nem a cantiga afinada e cristalina, nem a prece virginal d'um peito casto, nem a lagrima da mulher — esse poema mudo de ternura infinita — nem o altar cuidadosamente florido, elle encontrará a provar-lhe a gratidão d'aquelles a quem alcançar a sua intercessão e favores.

O mais que poderá ter: ! um tirar de chapeu, um aperto de mão e a voz grossa d'um homem a agradecer-lhe: — obrigado, meu amigo, muito obrigado!

Que semsaboria!

Santo Antonio de Lisboa tem ainda a facilidade de ser, apenas, importunado pelas mulheres novas.

Até n'isso é feliz o bom santo.

O patrono dos velhos, o casamenteiro das quarentonas é outro: — é S. Gonçalo de Amarante.

E' a este que a critica popular, n'um momento de despeito, perguntou, talvez pela bocca d'uma alegre rapariga, que fitava, na roda, o namorado que lhe sorria:

S. Gonçalo de Amarante,
Casamenteiro das velhas,
Por que não casais as moças,
Que mal vos fizeram ellas?

A resposta não se conhece, bem.

* *

Na praça da Figueira vae um borborinho enorme, de guinchos, vozes, apitos, conversas, gritos de cornetas de barro, gargalhadas de ebrios, pregões e descantes.

Uma multidão encimada ondeia pelos arruamentos, move-se, grita, empurra-se. Compram-se cravos, vasos de mangerico, ramos de flôres campestres. Estrugem aos ouvidos os rouxinos de barro e n'aquelle inferno de milhares de vozes de sons dispersos, ouvem-se vagamente os sons das guitarras desafinadas que animam os bailaricos dos padeiros e das varinas, sob os candeiros de gaz, ao sopé da estatua do Dadôr.

Um estrangeiro que nos visite n'esta noite terá uma impressão de um desagrado extremo.

A multidão é grosseira, cheia de ditos chulos, os cantares avinhados, as mulheres pouco limpas e desagraziosas.

As familias perpassam carregadas de mangericos e de alcachofras, de cravos pintalgados, typicos, inverosímeis.

A musa popular, a musa reles do ajuntamento bonacheirão, não a viva e fresca musa do terreiro d'al deia, do baile domingueiro, solta uns madrigaes engulhentos na bandeirinha que pende estupidamente na haste das flores.

A COMEDIA PORTUGUEZA

Ha um quê de selvagem, de brutal, de repellente na festa. Os ebrios abundam, as meretrizes pavoneiam-se escandalosamente, a prostituição clandestina revela-se na phrase ou alvar ou torpe.

Ha grupos abjectos de fadistagem em gala e de pobres raparigas, de chales sujos, dentes e cabelos, lenço para a nuca, riso facil e beiços gretados.

* * *

A nota realmente bella é a da praça, em si. Os cegulos da fructa, o verde tenro das ervagens, o aroma campezino que são das mezas, por entre as rumas das hortaliças, enganam-nos o pulmão, a fazel-o suppor em pleno campo, e evocam em nós um bem estar animal que se sente ao respirar o ar amplo das lezírias, depois de ter afogado o peito no ar infecto das capitães.

Cá fóra pelo Rocio ha grupos que fingem danças, fandangos idiotas, cantares avinhados e pulhas.

E n'isto se passa a noite, festejando o virtuoso portuguez. A lua passa sorrindo sobre estas scenas exóticas da capital e pede á Madrugada que se apresse, para chegar a hora de se varrerem as ruas.

E' que se tudo, o que ha de mais bello e de mais simples, apodrece no ar das grandes cidades, que admira que as festas do paganismo, tão bellas e tão humanas, cáiam n'esse remoinhar selvagem de homens e coisas, n'uma inferneira amatonga de berros e coices?

Dizem que é preciso, de vez em quando, abrir a valvula á alegria popular: mas que differença que ha entre a alegria e a bebedeira!



CHAPELARIA PAPAL

O *Infallivel*, ha uns dias,
Para se cobrir de gloria,
Quiz exceder o Mathias
Da Travessa da Victoria.

Rei das coisas divinaes,
Que espalham do incenso o arôma,
Deu chapéus a cardeaes
Lá do seu throno de Roma.

Mas um santo homem de Deus
Resume a noticia um pouco...
E eu não sei se os taes chapéus,
Eram de borla ou de côco!

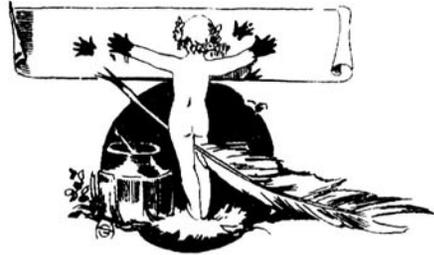
Fico ás aranhas! no entanto
N'esta crença não afrouxo:
E' que o Senhor Padre Santo
Fura o negocio do Roxo!

E, cá p'los calculos meus,
Posso dizer, sem reбуços,
Que um vendedor de chapéus
Pode vender carapuços!

Parabens, a mais e mais,
Dou-os aqui, com franqueza:
Agora é que os cardeaes
Ficam de grande e á franceza!...

Adoro tudo que é mystico
E que traz de Roma a chapa...
Mas vejo que falta o discico:
Chapelaria do Papa!

BONIFACIO.



«Diz-se que o sr. ministro da marinha está elaborando um projecto muito importante acerca da exploração, commercio e cultura da borracha em Angola, e que esse projecto será publicado muito brevemente.»

Que venha.

Ha uma anciedade extracordinaria por este projecto da borracha.

As «borrachas» hoje teem grande consumo pela frequencia dos clistères, na hydroterapia.

Isto não é bem ter olho para um projecto, mas um projecto para olho.

Que folgum os entupidos.



O *Popular* trazia na terça feira uma comprida capoeira de gordos *canards* americanos, entre os quaes vimos um que define por completo o estado actual do governo e politicos adjacentes.

Canard quer seja marreco, surdo-mudo, bravo ou americano, sempre é penoso depenna-lo devido á superabundancia de pennas; por isso resume-se o caso. Uns *yankees* metteram-se n'um catraio—lá dos d'elles—e fizeram velas á brisa; sulcavam as ondas do mar, quando o barco se voltou, e deslizaram todos para o charco.

Um desgraçado que não teve tempo de se agarrar, debatia-se desesperadamente na agua, pé... de socorro, mas os collegas moita, quatro... *dollars*.

—Aposto eu como elle se afoga, diz um d'elles.

—Eu aposto como não.

Trava-se discussão e nada de dar a — mão ao que morre alli ao—pé.

Com a devida venia dos symbolistas cá da terra, o tal americano não será o symbolo do senhor Hintze?

E'; todos os dias nós vemos os seus adversarios fazerem apostas e arrotarem postas de arraia e Arroyo, dizendo que cáe, que não se aguenta, mas ninguem lhe dá a mão... de esposo do senhor e o manda para um conven... io.



A *Vanguarda* falando das experiencias realizadas na Italia com o telegrapho sem fios, termina dizendo Ao que parece o aparelho Marconi não conhece distancias.

Nós temos por cá coisa mais aperfeçoada, são o discursos do Fuschini, que não conhecem—nem meder distancias.

A COMEDIA POLITICA

Commemoração do semi-centenario do Regabofe



Farça da **Dívida Externa** (Acto 1.º—Scena 6.ª)



CANCIONEIRO ALEGRE

Anda agora o Gil Vicente
Mu'ito em voga, corriqueiro,
Com tantas festas gaitadeiras,
Que Vicente tão do povo
Só me lembra um, barraqueiro
Da feira das Amoreiras.

Lembram-se d'elle ? viveu
Espertalhão e contente...
Um que tinha na barraca:
Alto! cá está o Vicente!

Pois dos theatros manhosos
O cartaz chamando gente,
Lembra-me a vil taboleta
Da barraca do Vicente.

Que os grandes homens, coitados,
—Tem o mundo estas ratices —
Depois de mortos, ainda
São capas para intrujices.

E' por estas e por outras,
E' por outras e por estas;
Que ha quem prefira a ser grande
Ficar na fila das bestas.

Não foi o Hintze ao Porto,
A Coimbra, — tó carecho—,
Não vac o cara de purga,
Não vae o cara de mocho:

Ha um sitio onde se manda
Muita gente, e... muitos mais...
Não chores, pois, que á tal parte
Tu has de ir, tu tambem vaes.

P'ra festejar o Vicente,
A *Renascença* futura
Creou o *theatro livre*,
Fez sessões, fez escriptura.

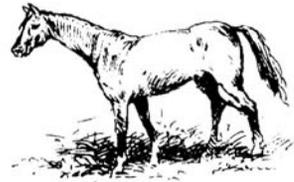
Livre, mais livre, rapazes?
Isso é *theatro* de estalo...
— Treme de sustos a penna —!
Já se procura o *badalo*,
E vocês serão capazes
De o mostrar, alli, em scena ?

Theatro livre, que bello!
E' do que a gente precisa...
Scena d'amor, alli logo
Feita em fralda de camisa...

Receitas de arrebentar,
Orgias, pão com manteiga...
O que os ha de atrapalhar
E' a policia, é o Veiga.

Theatro livre, que mina...
Agora, entrando o verão,
Que dispensa o guarda-roupa,
— Levem á scena — «O Adão».

N. T.



Rebentaram as arvores, rebentaram os tumultos em
Coimbra e rebentou a castanha na boca do Zé, que vê
ir a alfandega livre de direitos de exportação.

Chegaram as andorinhas, chegaram os dias grandes
e chegam noticias de raptos — em Braga, dois n'um
dia so.

Não ha effeito sem causa.

Qual é pois a causa ? E' o verão, e quem diz verão,
diz calor, ora como o calor dilata os corpos, eis expli-
cada a causa.

Devido pois ao dilatarem-se os corpos, é que os rap-
ptos augmentam, os dias crescem e a alfandega se es-
tende para o estrangeiro, etc.



A GIL VICENTE

Acordando na frigida morada,
O comico-patusco, Gil Vicente,
Ouviu dizer a alguém:—«Presentemente
A imprensa traz a lingua aferrolhada».

Gil Vicente engatilha a gargalhada
E, depois de pensar mui sabiamente:
—«No meu tempo falei ousadamente,
Sem temer a censura afradilhada!...»

Usei de linguagem franca e teza;
De verdades dizer não tive pejo
Ante o throno da propria realza!...

Já por lá se não fala com despejo?!...
Então, meus amiguinhos, com franqueza,
O seu *progresso* cheira a caranguejo.»

BERNARDO.

Jardim de Epicuro

ORA NÃO HA!

Ha uma historia imparcial ?

O que é a historia ? A representação escripta dos acontecimentos passados.

O que é um acontecimento ? E' um facto qualquer ? Não : é um facto notavel.

Como é que o historiador julga que um facto é ou não notavel ? Arbitrariamente, segundo o seu gosto e o seu caracter, a sua idéa, como artista, emfim.

Porque os factos não se dividem por sua natureza em factos historicos e não historicos.

Um facto é uma coisa infinitamente complexa. O historiador apresenta os factos na sua complexidade ? Não ; é impossivel. Representa-os desnudados de quasi todas as particularidades que os constituem, por consequencia, truncados, mutilados, differentes do que foram.

Quanto as relações dos factos entre si nem vale a pena falar.

Se um facto que se diz historico é trazido, o que é possivel e o que é provavel, por factos não historicos, e por esse facto desconhecidos, como pode o historiador marcar a relação d'estes factos e o seu encadeiamento ? E, eu supponho em tudo o que digo que o historiador só usa e tem testemunhos certos, emquanto que na realidade elle é enganado e só concede a sua confiança a tal ou tal testemunha pelas razões de sentimento. A historia não é uma sciencia, é uma arte.

O maior historiador é o que possui maior imaginação.

Hoje, já não fechamos a nossa crença nos velhos dogmas.

Para nós o Verbo não se revellou, apenas, na montanha santa de que fala a Escripura. O céu dos theolgos apparece nos povoado de vãos phantasmas.

Sabemos que a vida é breve, e para a prolongar juntamos-lhe a lembrança dos tempos que passaram.

Não acreditamos na immortalidade da pessoa humana ; e, para nos consolar d'esta crença morta, arranjamos o sonho d'outra immortalidade, intangivel, que se não pôde gozar senão por antecipação, e que de resto, não é prometida senão a muitos poucos de entre nós, a immortalidade das almas na memoria dos homens.

A. FRANCE.

 TYPOS DE COIMBRA

O Mocho

Todo o mundo o conhece e ninguem ha, talvez,
 Que o não tivesse visto ao menos uma vez
 A passear no caes, ou já no França Amado,
 Com seu fatinho novo e lustroso calçado,
 A' porta da Havaneza, em qualquer parte, emfim,
 Co' o sorriso de Abel e o genio de Caim,
 De cabeça rapada, qual um simples galuxo,
 Usando barba á Christo, apartada com luxo,
 Nervoso por demais, hystérico a valer,
 Que mal ouve um trovão põe-se logo a tremer.
 Aqui, n'este perfil, com certo luzimento,
 Tendo reproduzir o seu todo agoirento,
 Que faz estremecer os pobres estudantes
 Que têm a sorte má de o ter por mestre, ou, antes,
 Que têm de o aturar na agricola sciencia ;
 Pequeno no saber, grande na intelligencia !
 Sem nada perdoar, sempre a troçar de tudo,
 Com modos muito doces e falar de velludo.
 Affirmo aqui por fim, sem medo de protesto :
 « — Se é torto no olhar, inda o é mais no resto — »

E.N.A.

Segundo diz gazeta indagadora,
 Que gosta de rapar o fundo ao tacho,
 A Lisboa chegou uma senhora,
 Que promette fazer papel de macho :
 A noticia já corre por 'hi fóra,
 Mas caso para espantos eu não acho...
 Pois ha por cá mais d'um, extraordinario
 Em ostentar pericia no contrario !

Pois que venha a senhora macha-fêmea
 Dos maricas saltar sobre as ventinhas,
 Em lugar de amassar couves com sementes
 Para encher o papinho das galinhas :
 Profira contra a agulha altas blasphemias,
 Pragueje do retroz, zombe das linhas...
 E tenha um expansivo desabafo,
 'Trocando o seu *crochet* por um sarrafo !

Quando os homens se vão amulherando
 É o seu pão com manteiga apenas comem,
 Bebem o chá, que as forças vae roubando,
 E' justo que a mulher se mude em homem :
 Não acertam os que andam governando ?
 Pois que ellas de ministros logar tomem...
 E talvez, quando façam um Convenio,
 Deem provas sublimes do seu genio !

Homens ! tremei com magua verdadeira,
 De suspiros lanças o som convulso,
 Que a mulher, que sangrava na algibeira,
 Já conseguiu sangrar tambem no pulso !
 Se ella chega a vestir se de guerreira
 E sente em si ferver nervoso impulso...
 Então compremos todos u na róca...
 Que vae no mundo haver tróca-baldróca !

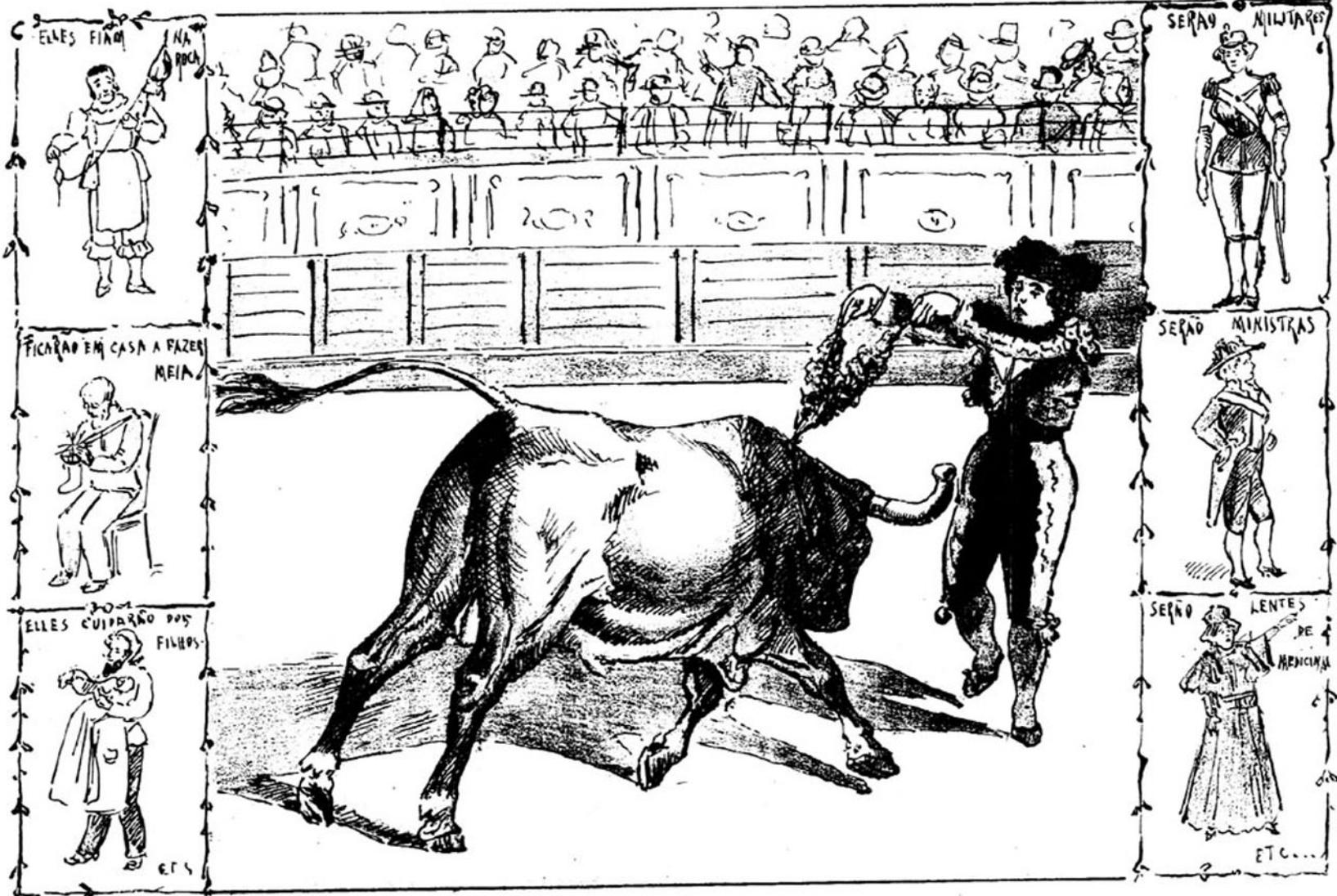
Acabo de saber á ultima hora
 Que essa dama, que em homem se converte,
 E' de touros eximia picadora
 E se enfeita co'o nome de *Reverte* !
 Preito lhe renderei, minha senhora,
 Que metta a bandarilha e sempre acerte :
 E que esqueça os deslens da vida amarga,
 Sabendo dar maneja á vara larga.

Pois que D. *Reverte* alcance louros,
 Dando provas de sua valentia,
 E que turcos, christãos, judeus e mouros
 Acubram de laureis como á porfia !
 Que tremam todos os diversos touros
 Que Deus pôz a pastar á luz do dia...
 Mas, repare lá bem, não se desmanche
 Quando no seu cavallo se escarranche !



VENANCIO.

A REVERTE



ELLES FIAM

NA RUA

SERAO MILITARES

FICARAO EM CASA A FAZER MEIA

SERAO MINISTRAS

ELLES CUIPARAO DOS FILHOS

SERAO LENTES DE MEDICINA

ETC...



REVISTA SEMANAL DE Critica, Politica,
ARTES LETTRAS e COSTUMES.
DIRECTOR—MARCELLINO MESQVITA
PUBLICA-SE A'S SEGUNDAS-FEIRAS

Editor: Antonio da Fonseca e Sousa
Redação e Administração: T. DA BOA-HORA, 39
Composição e Impressão: Lythog. Universal LARGO DO CARMO, 17

ASSIGNATURAS (PAGAMENTO ADEANTADO)
Estrangeiro Anno (52 num.) 1\$500 réis | Lisboa, provincias e Africa Portuguez. Anno (52 numeros) 1\$000 réis
Brasil Anno (52 num.) 2\$500 réis | Semestr: 26 (numeros) 500 réis
Cobrança pelo correio 5100 réis

Toda a correspondencia dirigida á Redação e Administração deve ser enviada para a Travessa da Boa-Hora, 39



VIANNA DA MOTTA

VIANNA DA MOTTA

E' este grande artista portuguez celebre desde os primeiros annos. Aos quatorze foi para a Allemanha protegido por El-Rei D. Fernando, e nas lições dos grandes mestres se tornou o musico celebre, compositor e critico musical d'um altissimo valôr.

Tem corrido, n'uma série de triumphos a Russia, a Allemanha, a França, as duas Americãs, Portugal e a Dinamarca.

Fixou a sua residencia em Berlim, onde gosa de uma alta reputação e onde pelo um indiscutivel valor e raras prendas de caracter honra o nome portuguez.



(CASOS E COISAS)

Depois da festa de Gil Vicente, veio a da actriz Virginia e logicamente apóz, a do sr. Hintze Ribeiro. Sua excellencia tinha tambem direito a uma festa, com cheiro a colla e outros ingredientes theatraes, visto que tão extraordinariamente concorrera para o levantamento do Theatro Nacional, do marasmo, da decadencia em que arrastava a vida miseranda.

Sim? o que fez sua excellencia?

Sua excellencia nomeou uma commissão: a commissão da Arte Dramatica. E o que fez essa commissão? Uma reforma. E o que fez o sr. Hintze a essa reforma e a essa commissão, ou conselho? Mando-os bugiar.

A Reforma na sua qualidade de coisa não pode erguer a voz, que, se possuisse, deveria ser a dar supremas indignações, n'esta occasião, pelo desprezo com que sua excellencia a ousou tratar; o Conselho desconsiderado, troçado pela mais clara e reles das formas, ergueu a sua para saudar o trocista, n'um banquete, a tanto por cabeça—no Hotel Bragança.

Em Inglaterra, parece que o disse ha pouco entre nos o sr. Soveral, pensa-se que Portugal é governado por doidos. Deixando passar a benigna classificação para os governantes, esquentemos que se estes são doidos, os governados o não são menos.

O banquete oferecido ao sr. Hintze se não é uma manifestação symbolica, uma cerimonia liturgica da religião da pança, um grito alegre dos acidos que escorrem dos rotégos das mucosas estomacaeas e intestinaes, ou é uma patuscada carnavalesca, ou uma d'essas formas externas de culto que como muitas de antigas religiões, ficara para nós como mysterio de relação e de expressão cultural.

Um mysterio será sempre para os historiadores do futuro a razão porque o Conselho Dramatico em Portugal, a quem o ministro ridiculiza e humilha, paga esses insultos, offerecendo-lhe—figadas gordos de patos como os faz a Reime—(segundo a lista)—e fãção verde á Ingleza, como os come Lord Salisbury, e não se limita como eu, de justiça, desde que quer, a punificar o

reformador com substancias comestiveis, a offerecer lhe simples e alivamente — duas péras!

Correu animado o banquete, segundo rezam gazetas, e ao Champagne o sr. Eduardo entoou, primeiro, a cantata do hymineu, a que o sr. Hintze respondeu «produzindo um brilhantissimo discurso».

Não o reedita a informadora folha, por onde me guio; mas sei que houve entre todos os convivas a impressão de que o fallecido Rei da Madureza, nunca tocara tão alto a nota da eloquencia comico-alimenticia.

Segue-se o sr. Alberto Pimentel que brinda Hintze, recordando o tempo em que o servira—elle Pimentel—como secretario em que recebera provas da mais alta consideração.

Quer dizer, brindou-se a si proprio, por modestia. Responde de novo o heroe e dirigindo-se a todos, um por um, embasbaca os convivas.

Ironia, graça, malicia, tudo esvurmou d'aquelle tumor osseo que sua excellencia usa sobre os hombros e a que—por semelhança—alcanham de cabeça.

Assim olhando Schwalbach, de copo na dextra, exclama: estes jantares, meus amigos, são as *agulhas e alfinetes* do poder.

Relanceando o olhar pelo sr. Pimentel: ficou fama de Gervasio porque fez um *Commissario*, eu tenho feito perto de cem; não poderei dizer, pela logica, que vaiho cem Gervasios?

E, como o olhasse embevecido o sr. Abel d'Andrade, sua excellencia, encetou um novo brinde, começando: que lindos olhos tem o môcho... Um encanto.

E, até ao fim do parlatorio, não se sabe o que mais houve que admirar em sua excellencia—se o prognatismo da face se o radiar phosphorescente da calva!

O jantar começou ás 8 horas—diz a folha—e terminou depois das 10 e meia. Começou e acabou muito bem: ás 8 horas, hora de começarem as farçadas; ás 10 e meia (entre as dez e as onze) hora reveladôra do modo como.

Não fosse elle um jantar de dramaturgos!



BENEFICENCIA NA «BEIRA»

Damas de sublimado pensamento,
Dando prova da sua alta nobreza,
Ouviram o gemido da pobreza
Por muitas vezes espalhado ao vento!

N'alma sentiram um divino alento;
Esse alento lhes deu toda a afoiteza
Para encetar a caridosa empreza
De minorar na Terra o soffrimento.

Benções do céu lhes paguem a obra santa,
Onde vejo, onde aponto, onde contemplo
O grau a que a bondade se alevanta!

Em nesses corações ergamos templo,
Aos nomes onde luz se espalha tanta,
E que no mundo sirvam como exemplo.

BERNARDINO.



O MAR

A' noite, pela praia, uma criança chora!
Traz no corpiço sujo uma camisa em tiras...
Tem nos cabellos o ouro e tem na boca a aurora!
E aquelles olhos vão pelo oceano fóra
Como o luz do luar e o brilho das saphiras...

— Que dolorido olhar e que tristeza a tua!
Não chores! a innocencia ignora o que é soffrer...
Andavas ainda agora alegre pela rua
E já triste, a chorar n'uma noite de lua!
Tu não podes chorar uns olhos de mulher!

A tua alma infantil não conhece o que é triste!
Tu choras, porque vês os astros a chorar...
Fita-me bem, creança! e dize se ja viste
A tua frente a dôr como uma lança em riste...
Tu não podes chorar as ausencias do lar!

Tu devias sorrir ás ondas de esmeralda,
Tu devias cantar sob a lua marmórea!
E uma divida o pranto e só a morte a salda...
Tu não sabes que o pranto é um allivio que escalda!
Tu não podes chorar os sorrisos da gloria!

Como a innocencia é bella e o oceano profundo!
É um oceano a vida e t'um mesmo a sondas...
Ah, coração feliz que não conhece o mundo!
O teu olhar reluz por esse mar sem tundo
E o teu olhar, creança, o que busca nas ondas?

Tu viste certamente uma perola enorme,
Uma estrella, talvez, que risca o azul e cáe...
Como és ambicioso e como o oceano dorme!
Não procures a dôr antes que a alma se forme...
Mas a creança responde: — Eu procuro o meu pae!



JOÃO SARAIVA

A semana passada entrou de *semana* com os cultivadores da vinha do senhor, deram-se tantos casos *com padres* que parecia uma revista do anno.

Calculem que até os da Moita se queixam que o prior está atacado de mania metrica a ponto de fazer baptisados por medida. Em uma carta da supracitada localidade, mais comprida que a legua da Povoa, relata um collega da manhã o seguinte: Finto que foi o baptisado, perguntou o padrinho quanto devia, ao que o prior respondeu.

— Olhe a tabella são 1260, mas como a creança é um pouco mais desenvolvida, tive de gastar mais palavrado, por conseguinte tem de me dar 22250.

Hein! Que negocião não faria o reverendo da Moita se por piada lá fossem á pia *calmeirões*, como o Costa Pinto e o gigante do Casal do Roão.

Aconselhamos ao tal prior que só trabalha por medida, que não esteja com muitas medidas e ponha lá no estabelecimento em letras *arrasadas*.

Será possível! Um baptisado de boa cupa rica por 42500?



S. João na Praça da Figueira

D. S. João na festa milagreira,
Festa santa com pandega á mistura,
Ha negocio na Praça da Figueira
E não falta o licôr da uva madura;
Lá foi pôr o nosso inclyto Espergueira,
Guiado pela devoção mais pura,
Logar p'ra nos vender perinhas cruas...
Mas não sei se são mais — ou se são duas.

A festa d'esta vez ficará sendo
Um caso em alta rima celebrado,
Pois com justa alegria eu estou vendo
Que ha novos vendedores no mercado:
Lá temos um Jacintho; está vendendo
Ao sempre folgazão do *Zé-Pasmado*...
Arroz doce em grandíssimas pratadas
E as mais appetitosas arrufadas.

Mas já disse um freguez escrupuloso
Que falta ao bom Jacintho a freguezia,
Porque no seu logar apparatuso
A fazenda soffreu grande avaria!...
E' certo que alli vae muito guloso,
Porém, quando a cheirar mal principia,
Acha *bispo* no arroz... nas arrufadas!
A dureza das pedras das calçadas!...

Outro, que Luciano se nomeia,
Tambem galhardamente se apresenta,
E com toda a lizura negoccia
A famosa fazenda com que tenta:
Em sonoro pregão alto vozeia
— Oh! vós que concorreis á festa benta!
Oh! vós que tens fé na lei suprema,
Compra-me as alcachofras! a alfazema!

Temos tambem na Praça o heroe Ribeiro,
Floricultor de grande nomeada
Que em breve assombrará o mundo inteiro
Com a sua sciencia decantada:
Expõe coisas finíssimas de cheiro
Para deixar a venta consolada...
Cravos os mais formosos, os mais ricos,
E vasos com viçosos mangericos,

Alli temos um Vargas, rodeado
D'um bando de rapazes turbulentos;
Todos exprimem gaudío sublimado,
Dando á perna grutescos movimentos:
Que vende o nosso amigo no mercado?
Com que quer augmentar seus rendimentos?...
— Refrescos muito bons para o catarrho,
E gaiolas com grillos. Isto é barro?

Este é da raça dos illustres Soizas
E funda o seu brazão nos proprios brios;
Não contente em saber immensas coisas,
Entende do governo de navios:
Para que ás quinias se não abram loizas
Alfronta calmarias, sóes e frios...
E silo na Praça, intrepido e bizarro,
A vender, sabem quê? Gaias de barro.

VENANCIO.

PRAÇA... POLITICA — DA NOITE DE S. JOAO



— Cautela com essas collarêjas... já as conheço de outra praça... de S. Bento.



CANCIONEIRO ALEGRE

(Conselhos do Padre Santo)

O que os peccados espreita
Do alto dos Vaticanos,
Atinou com a receita
De poder viver cem annos :

— Usar toalha lavada,
E de loiça um bom serviço.—
Mas quem come da tachada
Como é que ha de fazer isso ?

— Cada um, na sua adega,
Não queira vinhos baratos.—
Mas quem come na bodega
E so chega ao rato ratos ?

— Que o vinho afasta cuidados,
Diz á alegria — apparece ! —
Já o sabiam tachados
Antes que o Papa o dissesse.

— Que a farinha do pão ha de
Não trazer em si maus cheiros.—
E' pena que a Santidade
Não prégasse isto aos padeiros.

— Que entre na nossa comida
Gallinha, vacca ou carneiro,—
Mas não ensina em seguida
Como se arranja o dinheiro.

— Que o ovo é petisco forte
P'ra quem quer entrar na engorda.—
Mas stá pela hora da morte.
E' muitos vivem de assorda.

— Que o leite seja a bebida
Em que mais se alargue a dóze.—
Mas n'uma vacca benzida
Não entra a tuberculose ?

— Que é bello o café de Moka,
Da tom a fibra dos fracos.—
Mas esse ninguem o côca
No botequim dos macacos.

O que eu quizera saber,
Como um christão exemplar...
E' se se pôde viver
Cem annos — a jejuar !

J. A.



D. Diogo de Sousa, tio do Conde de Redondo, que nasceu em 1678, era Arcebispo de Evora. Foi elle o constructor do palacio do marquez de Borba, a Santa Martha. Na occasião em que levantava o palacio soube que entre muitos defeitos, lhe notaram um, de veras grave : o de não ter as escoantes indispensaveis ao aceto e á limpeza perfeita do edificio.

Ao lado havia um convento de freiras. O Arcebispo pensa no meio de emendar o erro, e envia ao Senado um requerimento, d'este theôr :— Diz D. Diogo, Arcebispo de Evora, que elle não tem na sua casa as escoantes precizas : pede por isso licença para derramar as suas aguas pelo canto das freiras.

Foi-lhe deferido.



OH VISTA HORRIBILE !

Tepho lido nas gazetas
Da patria semsaborona,
Que os santissimos roupetas
Andam agora á tapona,

Se é verdade tudo isto,
Que não tapo nem destapo,
Deixaram a lei de Christo
P'ra seguir a do sopapo !

Paz, amor e caridade
Pregam bem nos seus sermões...
Se passeiam na cidade
Jogam duros cacnações !

Olhem que offende a justiça
Do céu, e terra tambem,
Depois de dizer a missa
Quebrar os queixos d'alguem !

Não querem então que eu ladre
Contra o pobre do Zê Burro...
Que ajoelha aos pés d'um padre
Seguidor da lei do murro !!!

ANASTACIO.



Um prelado portuguez permittiu-se a liberdade de escrever a uma dama do alto mundo, lamentando não a ter ouvido de confissão, não se compromettendo a salvar-lhe a alma, se a dama em questão não viesse na proxima quaresma despejar o profumado saquitel dos peccadinhos, para gloria de Deus nas alturas.

Se pegam todos os sacerdotes a corresponder-se epistoiariamente com as suas ovelhas (machos á parte) bem podem os maridos arbitrar mais uma verba no rol das despezas domesticas... para papel e sobrescriptos.

Papel para o serviço divino de certo que ha de ser do mais caro ; attentas as exigencias de pompa com que a Madre Igreja se impõe as almas.

Jardim de Epicuro

Acabo de lêr um livro em que um poeta phylosopho nos mostra os homens isentos de alegria, de dôr e de curiosidade.

Ao sair d'esta nova terra da Utopia, quando de volta á Terra e se encontram ao redor de nós, os homens luctando, amando, soffrendo, começa-se a amal-os e é-se contente de soffrer com elles.

Ali é que está a verdadeira alegria.

Mataram a paixão e com o mesmo golpe mataram a alegria e a dôr, o soffrimento e a voluptuosidade, o bem, e o mal, a belleza, tudo, emfim; mas sobretudo a Virtude. São sabios e no entanto não valêm nada; por que o que dá valor é o esforço. Que importa que a sua vida seja longa, se a não enchem, se não a vivem?

Este livro reconcilia-nos com a vida dolorosa e leva-nos á estima dos nossos semelhantes, á grande sympathia humana. Faz amar a verdade e desprezar as chimeras. Mostrando-nos seres sem males, faz-nos adorar a nossa condição.

Se elles não tem paixões não tem arte, nem poetas. Não comprehenderiam nem a musa epica, nem a musa comica; não poderiam ver Dido e Phedra, estes sonhos divinos que passam tremulos, sob immortaes myrtos.

Surdos e cegos serão á poesia que divinisa a Terra: Não leem Virgilio e crêm-se felizes por terem ascensores! Um verso tem feito mais bem ao mundo que todas as grandes obras da metallurgia.

Inexoravel progresso! este povo de engenheiros não tem paixões, nem poesia, nem amor! Se são felizes porque amariam! O amor só floresce na dôr!

Perdoemos a dôr e saibamos que é impossivel imaginar uma felicidade maior do que a que gozamos na vida humana, tão doce e tão amarga, tão má e tão boa, ideal e real; que contém todas as coisas e concilia todos os contrastes.

Este é o nosso jardim que é preciso tratar com todo o esmero.

A. FRANCE.



DERAM RAIÁ

Os inglezes são espertos;
Mas, na exportação das saías,
Vê-se que, entre os seus acertos,
Tambem ás vezes dão raiaes.

Sem fazerem cerimonias,
Illustres *beefs* desejam
Enviar para as colonias
As fêmeas que lhes sobejam!...

Beefs do meu coração,
Tolice na idéa eu acho,
Porque lá diz o rifão:
Não se faz arroz sem tacho!

Em phrase muito singella
Diz-nos qualquer cosinheira
Para que ferva a panella
Abana-se ao fogareiro!

O' *beef* de fina raça,
Beef que *beef* não és,
A idéa que pões em praça
Não tem cabeça nem pés!

BONIFACIO.

Na Reforma da Torre do Tombo.

«E' prohibida a leitura e copia de qualquer peça que possa ferir as individualidades, quando sobre a peça em questão não tenham ainda decorridos sesenta annos, e bem assim de qualquer especimen de indole reservada.

«De papeis ou documentos que se refiram a familias ainda existentes, e que tenham apenas um interesse particular, só poderão ser communicados com auctorição dos representantes d'essas familias».

Como a historia d'um povo é a historia das familias e dos individuos, pasme-se da graciosa concessão de 60 annos de silencio.

As nossas bibliothecas, como funcionam, quasi que era melhor fechal-as. Não seria grande prejuizo e era economico. N'uma não se dão peças, n'outra não se dão documentos, n'outra não se dão manuscritos... e por este trabalho insano augmentam-se os ordenados.

Não ha paiz onde se pague melhor para dar... com as portas na cara — atoda a gente.

Para que em tudo Portugal seja um excentrico e curioso paiz em ambos os elementos solido e liquido vejo que, á maneira da divida, crescem tambem os navios.

Os navios?

O *Vasco da Gama* tinha de comprimento de 1876 a 1896, 60 metros; de 1896 a 1902 teve 68 metros; agora, em Livorno, está a crescer de modo que em 1903, na volta, deve ter 71 metros.

Lá para o meiado do seculo, não cabe no Tejo.

No novo e applaudido drama social de Joaquim Dicenta — *Aurora* — diz um collega, que o heroe, no desfecho, diante de varias pessoas, renega a antiga amada e diz para a ultima: — «*Vem; ramos fazer uma humanidade nova!*»

Uma só? Caramba! ao menos faça um par, para symetria.

Telegraphia comica

Porto, 15. Uma operaria da fabrica de fitas, de 17 annos de idade, deu esta madrugada á luz quatro meninas.

De fita?

TYPOS DE COIMBRA

O Truc

E' chymico distincto, mesmo pouco vulgar,
Mathematico tambem, e nada ha que estranhar,
Pois que, se os *genios* têm muitas aptidões,
Este tem-n'as aos centos, mesmo até aos milhões.
A Cicero superior, por certo, na eloquencia,
Spencer no saber, Hugo na intelligencia.
Não ha sciencia, ou arte que não conheça bem:
De todas sabe os *trucs*, talvez, como ninguém.
Pode dizer-se até que do paiz é gloria
E é pena, francamente, ser fraco de memoria:
Tem viajado muito, e grande illustração
E de nomes exquisitos faz gala e collecção.
Quando era pequenino, e trovas e cantigas,
A fonte ia partir potes á raparigas.
No trage é o que ha de melhor, mais do tom:
Frack irreprehensivel e *gracata plastron*.
E, para não maçar, com o tenho dito:
— *Double d'un gentleman* — d'homem erudito

ENA.

A PASSAGEM PELO VIME



Maria — João, em louvor de S. João toma este menino quebrado e dá-m'o são.
João — Maria, em louvor de S. João toma este menino quebrado e dá-m'o são.
Zé — Hum!... nas mãos de taes *endireitas* já não tem cura.



REVISTA SEMANAL DE Critica, Politica,
ARTES LETTRAS e COSTUMES.
DIRECTOR—MARCELLINO MESQUITA
PUBLICA-SE A'S SEGUNDAS-FEIRAS

Editor Antonio da Fonseca e Sousa Redacção e Administração T. DA BOA-HORA, 39 Composição e Impressão Lythog. Universal LARGO DO CARMO, 17

ASSIGNATURAS (PAGAMENTO ADEANTADO)

Estrangeiro Anno (52 num.)	1\$500 réis	Lisboa, provincias e Africa Portuguesa Anno (52 numeros).....	1\$000 réis
Brazil Anno (52 num.).....	2\$500 réis	Semestre 26 (numeros).....	\$500 réis
Cobrança pelo correio.....	\$100 réis		

Toda a correspondencia dirigida á Redacção e Administração deve ser enviada para a Travessa da Boa-Hora, 39



O MARECHAL FLORIANO PEIXOTO

FLORIANO PEIXOTO

O retrato do *Marechal de Ferro*, como lhe chamam os brasileiros, figura hoje na pagina de honra da *Comedia* para commemorar o 7.º anniversario do fallecimento d'aquelle prestantissimo cidadão dos Estados Unidos do Brasil.

Floriano Peixoto, que assumiu a presidencia da republica por deposição do marechal Deodoro da Fonseca, fez-se conhecido no mundo pela energia com que triumphou da celebre revolta da marinha, capitaneada pelo almirante Custodio José de Mello. Foi n'esse momento critico e ameaçador da unidade politica da nação que se revelaram as suas extraordinarias qualidades de homem de governo.

Sobranceiro aos maneios dos revoltosos, que bombardeavam a cidade do Rio de Janeiro, sereno e firme perante a resolução dos chefes das esquadras estrangeiras, que pretendiam effectuar um desembarque, Floriano Peixoto impoz a sua ferrea vontade a todos, e obteve pela sua intransigencia inflexivel a consolidação da republica, invalidando os propositos menos patrioticos da revolta, que fria e severamente esmagou.

Prestando assim um grande serviço ao paiz, o *marechal de ferro* conquistou desde logo a admiração e o reconhecimento da maior parte dos seus concidadãos; e, amortecidas a esta hora as irritações e as dôres causadas pela dureza necessaria e inevitavel da sua acção politica, que resolutamente visava a radicalisar a Constituição, todo o Brasil dispensa á sua memoria um culto de verdadeira gratidão patriótica, que mais e mais se depura dia a dia de tristes e amarguradas lembranças...



(CASOS E COISAS)

Realisou-se o Concurso Nacional de tiro, com pequena concorrência, na carreira de Pedroços. Não chegou a mil o numero dos concorrentes, atiradores e espectadores, no primeiro dia. Apenas de cinco terras do reino vieram atiradores.

Attentos os annos que tem de vida a instituição, o seu utilissimo fim, accessivel a todas as comprehensões, fim d'um alto alcance politico e patriótico, o concurso foi desanimador.

Esta opinião revela-se, ainda que muito escondidamente, em todos os jornaes. Um d'elles explica a pouca concorrência «pela falta do amor da patria». Não é verdade em absoluto; mas actualmente tem um grande fundo de verdade esta affirmação. A nossa terra d'hoje não merece amor, ninguem lh'o tem a ponto de se incommodar por ella, no correr vulgar da vida. Amanhã, em perigo, haverá sacrificios e actos heroicos, dedicações summas; e caso differente, é certo havel-os.

Mas hoje não. Terra vilipendiada, terra escarnecida, terra prostituida, incitou o nojo e o desprezo até a

suprema ignominia de se ouvir por ahí dizer a toda a hora e em toda a parte:—que venha a administração ingeiza, venha quem quizer, tudo menos isto.

E as grandes indignações, os protestos decisivos não appareceram, quando chegou até ao Parlamento a proposta da venda das colonias!

Um povo que ouve isto indifferentemente, que tolera somnolento que lh'o digam, não vae para o «tiro dos patriotas», vae para o «retiro dos pacatos».

Por Messalinas só se batem ou os chuios ou os imbecis.

Para se ter um amor limpo é preciso ter uma patria limpa. Façam-na honrada e nobre, deixem e forneçam aos pobres a maneira de se educarem no tiro, e verão como os concursos egualam os da Suissa e Italia.

Assim, esse ar de *sport*, de galantaria, de coisa fina, hão de ser sempre, como tantas mais coisas entre nós, imitações infelizes de extranhos costumes, sem vida, sem utilidade que se veja.

A escravidão não dá brios, tira-os; um povo de escravos não se bate, batem lhe.

Apenas de cinco terras, disse, vieram atiradores; mas para justificar o ditado de — «alma até Almeida», leio com gosto e espanto a seguinte noticia:

«De Almeida estiveram para vir ao concurso de tiro—nada mais nem nada menos do que seis mulheres! Não appareceram em Lisboa apenas por falta de meios de transporte.

Foi pena, porque dariam ao concurso de tiro um tom mais interessante. Effectivamente a moderna padeira d'Aljubarrota—ou lá do que for— não é com a pá que tem a haver-se, mas com a arma Kropachek.

As mulheres são lavradoras ricas dos arredores de Almeida. Consta-nos que envergonhariam muitos atiradores de calça e barba!...

Não se percebe que de Almeida se não possa vir a Lisboa, mas vê-se que não: não ha meios de transporte.

Digamos com o noticiaria que foi pena—para vêr estas raparigas envergonharem muitos atiradores de calças.

Naturalmente, os atiradores de calças, para se pagarem na mesma moeda, tinham um recurso facil... era desfil-as.



MOTE

Eu vi nos braços da Aurora
O Sol a tremer com frio.

GLOSA

Quando a lei escarradora
Deram os sabios de Loiza,
Um medico a rir da coisa
Eu vi nos braços da Aurora!
E este doutor inda agora
Solta risadas a fio;
E disse lá no Rocio:
—Do progresso não ha queixa...
Temos sciencia que deixa
O Sol a tremer com frio!

Segundo publicam alguns jornaes da Parvonia reina grande celeuma nos arraiaes jesuiticos motivada por dois chapéus cardinalicios que nos pertencem.

Não é para admirar que nós sendo o paiz das *chapeladas* tenhamos questões de chapelaria, devidas aos taes chapéus. Agora o que nos causou mais sensação foi andar uma commissão de senhoras empenhadas no assumpto.

Nós, seguindo á risca, com risco de nos tornarmos Magriços do seculo XX, pleiteamos do coração a sua pretensão — rima e é verdade.

Como estamos em terra de providencias... e conselheiros, aconselhamos a essas senhoras que se não alcançarem o chapéu vermelho para o seu pretendente, lhe arrangem um chapéu armado, que tarabem não deve ficar mal na cabeça de sua eminencia.



PERGUNTAS AOS MESTRES

1.^a

Pergunta um pobre labrego,
Se é acerto ou disparate
Mandar á tabúa o i grego,
Quando se escreve alfayate.

2.^a

Pergunto em verso ordinario
(Fazê-lo bom não vae lá)
Se a palavra calendario
Póde dar coices no k.

3.^a

Os mestres dizem decãno
(Isto o ouvido escalavra);
Merecerá um *banano*
Quem muda o accentto á palavra?

MOTE VELHO

A cruel separação
Custa mais que a mesma morte.

GLOSA NOVA

Um ministro da nação,
Ao darem-lhe com o—basta,
Carpia, agarrado á pasta,
A cruel separação:
(Isto foi lá no Japão,
Terra em loiças muito forte;)
E o ministro a sua sorte
Lamentando, em caramunhas;
—Largar o queijo das unhas
Custa mais que a mesma morte!

BONIFACIO.

PESCA MILAGROSA

Do paiz os primeiros pescadores
Alcatroaram o seu velho barco,
Rêdes escolher foram das melhores,
E não foram pescar em nenhum *charco*;
Invocaram santinhos protectores,
Como eu faço tambem, quando me embarco...
Sem esquecer o santo, que respande,
E abre o portão do céu... a quem o entende.

Foram felizes estas pescarias!

(Bem anda quem com santos faz accôrdo)
Uma pasta pescava o José Dias,
Mas sujou-lhe no anzol o peixe gordo;
Comtudo, não desmaia nas porrias,
Visto ser pescador do alto bordo...
E diz: — hei de pescar-te, ó pasta amada,
Porque tens mais valor que uma pescada!

O pescador Navarro a rêde atira,
E não pensa apanhar simples lagosta;
Pois é ponto de fé que elle suspira
Por um peixe qualquer que faça *posta*.
Lá que elle ha de pescar não é mentira,
Visto que sabe comprehendêr a *costa*...
E' bem capaz, sem leve sobresalto,
De ir fisgar as baleias no mar alto!

O pescador Vilhena a rêde lança,
Encommenda-se a Pedro, o milagreiro,
E de apanhar pescado tem a esp'rança
P'ra depois no mercado achar dinheiro.
Por mais que a vaga o barco lhe balance,
Governa-o, porque é destro timoneiro...
E é claro, como é clara a luz do dia,
Que não lhe ha de faltar a pescaria.

D. Franco, pescador, das rêdes usa
Sem procurar o peixe maior que ha,
Mas quer bom salmonete, que relusa
Assim como á maneira d'um *crachá*:
Tristissima ambição na patria lusa,
Onde isso não tira honra nem a dá...
E onde póde qualquer, que *bago* aveza,
Trazer ao peito a *nobre* pureza!

Pescam tambem o Candido e o Baracho;
E que sejam felizes eu desejo,
E que possam depois dar a despacho
Saveis, pargos, cachuchos de sobejo.
A todos Deus proteja o cambalacho,
Honra das aguas do formoso Tejo...
Onde o senhor *Hersent*, francez pacato,
Arranjou um rendoso syndicato.

E o S. Pedro, o barbaças venerando,
De larguissimos annos já no cabo,
Deixa que entrem no céu, por contrabando,
Muitos que pertenciam ao Diabo!...
Mas para que espantar?—Estamos notando
Que não falta fiscal que encolha o rabo,
Quando uma chorudissima candonga
Tem artes para entrar á songamonga.

VENANCIO.



O SÃO PEDRO DA POLITICA



Bom pesca! — se o barco não for ao fundo...



O que dizem as estrellas*

I

Pelo silencio, á hora em que a violeta
Rescende mais, a noite embalsamando,
— Hora de paz religiosa, quando
Se accende a phantasia do poeta,

Minh'alma anciosa, de visões repleta,
N'um vôo se desprende suave e brando,
E nos signos do céu vae decifrando
Nova linguagem mystica e discreta...

Entre sombras e luz assim absorto,
Meu pensamento voga no infinito,
E o coração descança, semi-morto...

Não que o espasmo do sonho abafe o grito
D'este indomito amor; mas que conforto
Amar n'um sonho espiritual, bemdito!

II

Ah! o amor em espirito! o repouso
De todos os desejos! esta vida,
Tão crivada de angustias, esquecida
N'um extasi perenne e glorioso!

Commungar na virtude, ebrio de gozo,
Palpitar com a noite adormecida,
Ver de Deus a palavra prometida
Como um Verbo corporeo, luminoso!

Assim, é grande o Amor; assim, a ideia
Resiste a embates mil; e a eterna chamma
Dentro em nos mais se aviva, mais se alteia...

Estranho ardor no seio se derrama...
Divino! porque é luz, não incendeia...
E feliz a alma pura que assim ama.

III

São as estrellas, na amplidão suspensas,
Bussolas immutaveis, fulgurantes,
Que da vida aos inglorios navegantes,
O rumo apontam de seguras crenças.

Quando a ideia mergulha em trevas densas,
Engastam-se na dôr como diamantes;
E são ellas que ensinam aos amantes
O perdão generoso das offensas.

Se esses mesmos a quem (partilha escassa!)
Coube apenas em sorte, por desgraça,
Da frieza e do mal o esteril dom,

Alma tivessem para as noites bellas,
Ouviriam dizer-lhes as estrellas
Quanto é doce chorar, facil ser bom.

* Do livro inedito *Poemas Espirituaes*.

Mas as estrellas de teus olhos, puras
E cheias de esplendores não sonhados,
Dois negros sóes, brilhando illuminados
Por mysteriosas radiações escuras;

Joiás vivas, da côr das desventuras,
Mas com brilhos do céu; astros baixados
Do azul, para trazer aos desgraçados
Um clarão das divinas formosuras;

Esses... essas estrellas, como a aurora
Que a tantas outras subito descóra,
Deixam, surgindo, o espaço todo nu.

Deslumbram meu olhar, meu pensamento...
Dizem-me ainda mais que o firmamento...
Choram por mim... Bemdita sejas tu!



NARCISO DE LACERDA.

Tem-se feito experiencias, sobre experiencias, no
gotico-etrusco pillauterico elevador das escadinhas de
Santa Justa. Bella coisa: cabines chapoadas, cabos de
resistencia, cadeias Galle, freios automaticos, o diabo.

As cabines com espelhos; desde ca de baixo janelas,
ogivas, arabescos, e ao fundo Jerusalem... quero
dizer, um restaurante. Este restaurante fica alli pelo oi-
tivo andar; lembramos ao sr. Sousa Bastos um theatro
para o verão no nono; com um sanatorio para tuberculo-
sos ahi pelo decimo, e um water-closet no decimo pri-
meiro fica uma obra unica. Esta dependencia dever ter
amadores.

Isto sem querer amesquinhar a obra que, no fundo,
é d'uma alta philanthropia. Tantos contos de réis e...
se fizermos a conta ao movimento do Museu do Car-
mo, do chafariz e da fabrica de chocolate... aquelle
monstro deve render... pra'hi os seus dezoito vintens
por dia.



POIS É PENA!

Eis um caso que faz raiva,
E dá tormentos á bola:
— O sór Navarro de Paiva
Adiou a jantarola!...

Este senhor, que se inflamma
Pela coisa portugueza,
Quer desvendar um programma
Que sirva de sobremeza!

São muito boas crianças,
Pessoas nossas amigas...
Mas querem salvar finanças,
Não esquecendo as barrigas.

Jardim de Epicuro

Ha um pequeno livro allemão — *Notas para juntar ao livro da Vida* — de Gerhard d'Amyretor, livro verdadeiro e por isso muito triste, onde se descreve a condição ordinaria das mulheres. «E' nos trabalhos quotidianos que a mãe de familia perde a frescura e a força. A eterna questão: o que é preciso fazer hoje? a incessante necessidade de varrer a casa, de bater, esfregar a roupa, de sacudir o pó, tudo isto, como a gotta d'agua, acaba por gastar o corpo e o espirito.

E' deante da fornalha que a creatura branca e rosada, de riso cristalino, acaba por se transformar n'uma mumia negra e dolorida.

Tal é, na verdade, a sorte da maioria das mulheres. A existencia é dura para todos, homens e mulheres, e tem de ser assim n'um planeta em que as coisas indispensaveis á vida são raras, d'uma producção difficil ou de uma extracção laboriosa. Causas que dependem da figura, da constituição da flora e da fauna terrestres são duradouras e necessarias.

Se eu tivesse creado o homem e a mulher tel-os-hia formado n'um typo differente do que teem os mamiferos superiores.

Tel-os-hia feito não á imagem dos grandes macacos como são, mas á imagem dos insectos, que depois de viverem em larvas se transformam em borboletas, e não tem no termo da vida outro cuidado senão o de amar e de serem bellos. Teria collocado a mocidade no fim da vida.

Ha insectos que na ultima metamorphose não teem estomago. Vivem uma hora, amam e morrem. Quizera que o homem, em larva, tivesse os trabalhos vis de que precisa para viver.

N'esta phase não haveria sexos e a fome não aviltaria o amor.

N'essa ultima transformacão o homem e a mulher, abrindo as azas brilhantes, viveriam de orvalho e de desejo e morreriam n'um beijo d'amor.

Daria assim a sua existencia mortal o amor como recompensa e como coroa.

Mas não fiz o mundo; o demiurgo auctor não foi da minha opinião, e creio que não consultou tambem a dos philosophos nem a dos homens de espirito.

A. FRANCE.

O CIUME

Todos o conheceis, e ninguem ha, por certo,
Que o não sentisse já de si bem junto, perto,
Rasgando, esphacelando o coração humano;
O maior mal, talvez, e o maior tyranno,
Que tem no nosso peito o horrído covil,
Que fez do grande Othelo um assassino vil,
Que vai roendo sempre e nunca encontra fim,
Que fez cair Abel do pulso de Caim,
Foi tambem causador (horrível pesadello!)
De ter acontecido (é duro descrevel-o)
Ficar um pobre cão, sob a minha janella,
Que andava a namorar uma gentil cadella
E que atacado foi por muitos cães pequenos,
C'o facinho mordido e uma creixa de menos.

ENA.



O novo panno do theatro de D. Maria II

Sae da vulgaridade contumaz do genero o novo panno de boca do theatro de D. Maria II. Foge da rotina, afasta-se do typo convencional. Assumpto, composição, desenho, côr: tudo está longe do que é uso fazer-se por cá. Não é um trabalho de scenographia, mas de pintura decorativa.

Antonio Ramalho, que o concebeu e executou, conseguiu o seu intento — ser original; mas, como todos os innovadores, soffreu-lhe as consequencias. Podia com menor esforço — quasi sem elle! — fazer um panno como tantos outros, e agradar facilmente; preferiu o mais difficil e de menor resultado. Por isso mesmo é digno de todo o elogio.

Procedeu como artista, abandonando os meios de armar ao effeito, e apresentou uma obra que, sobre ser de grande valor artistico, affirma a sua rara probidade profissional. Só por isto — á parte a poderosa technica e o esmerado carinho da sua maneira — se impõe aquella nova manifestação do auctor de tantas telas conhecidas e justamente admiradas.

E' com effeito uma bella coisa o novo panno: original de concepção, composto a primor e pintado com extremada delicadeza e bom gosto. A finura da côr e a elegancia do desenho são inexcitaveis!

Abre a cortina apanhada aos lados n'um poente de tons côr de laranja, violeta e esverdeados, em flocos de nuvens que uma luz suave embebe de cariciosa e meiga fluidez. N'essa atmospheria creou a phantasia do artista um idéal certamen dramatico, a que preside o genio das artes. Personagens de theatro amam, scismam, soffrem, declamam. Hamlet fixa a caveira; Romeu e Julieta abraçam-se, enlevados; Othello escuta o perfido lago; Harpagão defende, apavorado, o seu cofre... Além é o Romeiro, assombrando Magdalena e Frei Jorge; o Alfageme que irrompe; passa o cortejo da *Morta*; trama-se a vingança de D. João II; effectua-se o beija-mão da adultera Leonor Telles; Alfonso VI exaspera-se, e peraltas e sectas dançam airosamente...

Quando na noite da recita commemorativa da fundação da litteratura dramatica nacional, em honra de Gil Vicente, se descobriu o novo panno, a impressão produzida não foi logo favoravel. A estranheza retardou a percepção do publico; mas pouco a pouco ia comprehendendo que estava deante de uma obra d'arte original, delicada e proba.—Excepção feita de alguns criticos theatraes desnorreados pela surpresa que os colheu e atarantou. Esperavam um panno que elles entendessem.

Teve assim Antonio Ramalho a contra prova do muito valor da sua interessantissima pintura.





O novo panno do theatro de D. Maria II
PINTURA DE ANTONIO RAMALHO